

ECOS

da Companhia



ASSEMBLEIA GERAL 2021

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN – PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA – CURITIBA/PR

MAIO

JUNHO

2022

Nº3



Sumário

Vida espiritual

- 130 Conferência por ocasião da Renovação 2022
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral
- 140 Carta de 9 de maio de 2022
Irmã Françoise Petit, Superiora geral

Assembleia Geral

- 144 Apresentação do tema: “Ephata”
Irmã Françoise Petit, Filha da Caridade
- 146 Envio em missão para a Casa Mãe
Irmã Monica Ebuogbei, Filha da Caridade
- 149 Apresentação do tema: “Sair porta a fora”
Irmã Iliana Suarez, Filha da Caridade
- 152 A missão na Amazônia
Irmã Rita Lopes, Filha da Caridade

Ó Maria,
deixamo-nos alcançar
pelo teu olhar dulcíssimo
e recebemos a carícia confortadora
do teu sorriso.
Guarda a nossa vida entre os teus braços:
abençoe e fortalece qualquer desejo de bem;
reacende e alimenta a fé;
ampara e ilumina a esperança;
suscita e anima a caridade;
guia todos nós
no caminho da santidade.

Papa Francisco,
praça de São Pedro, 13 de outubro de 2013

- 155 Apresentação do tema: “Ir para”
Irmã Maria-Teresa Mueda, Filha da Caridade
- 158 Ir ao encontro das mulheres em situação de prostituição
Irmã Solange Rault, Filha da Caridade
- 161 Apresentação do tema: “Encontrar”
Irmã Luisa Farri, Filha da Caridade
- 164 Deus em meio a escuridão
Irmã Rochelie Blancia, Filha da Caridade

Desafio da mística do viver juntas

- 166 Introdução
Comissão dos Ecos
- 168 Província dos Camarões
A fraternidade, uma diversidade compartilhada
A Comunidade de Fouban
- 172 Província do Próximo Oriente
Todos Irmãos
A Comunidade do hospital de Nazaré
- 174 Província de Cali
Uma experiência comunitária em tempo de pandemia
Irmã Maria Norbey Gutiérrez e a Comunidade de Circasia

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 176 Província de Cracóvia
“Nunca mais a guerra” (São João Paulo II)
Irmã Halina Luptowicz, Filha da Caridade
- 181 Província de Cracóvia
“Eu era estrangeiro e vocês me acolheram” (cf. Mt 25, 35).
Irmã Monika Dlubacz, Filha da Caridade

História da Companhia

- 183 Em preparação ao 30º aniversário do martírio da Bem-aventurada
Lindalva Justo de Oliveira - A breve vida da Irmã Lindalva
Irmã Carolina Mureb Santos, Filha da Caridade



Conferência por ocasião da Renovação dos votos 2022

Casa Mãe, 25 de março de 2022

Vida Espiritual

Irmã Françoise, Padre Bernard, minhas queridas Irmãs, estou muito feliz de estar aqui com vocês hoje! Já faz algum tempo que não tivemos a oportunidade de nos reunir. Tinha planejado vir, três vezes no início do ano passado: 1º de janeiro, 2 de fevereiro e 25 de março, mas a pandemia do COVID-19 mudou os meus planos. Um outro imprevisto me impediu de vir no dia 02 de fevereiro deste ano. Agora, finalmente posso passar este tempo com vocês.

Proponho abordar dois assuntos hoje:

1. a continuação da Assembleia geral;
2. alguns ramos da Família Vicentina.

Após o término da minha intervenção gostaria de dar-lhes, no tempo que restar, a ocasião de fazer-me algumas perguntas ou comentários.

I - A continuação da Assembleia geral 2021

Como todas sabem, a Assembleia geral que tiveram em outubro e novembro do ano passado, foi maravilhosa. Houve uma atmosfera muito participativa e pacífica, o que permitiu um diálogo frutuoso, que resultou num projeto do Documento Interassembleias o qual o Conselho geral terminou a sua elaboração.

Sei, no entanto, por experiência, que muitas vezes o que está longe dos olhos, está também longe do coração. Passaram-se vários meses desde o encerramento da Assembleia e muitos outros eventos aconteceram. É possível que não se lembrem muito bem desses dias maravilhosos em novembro. Seria lamentável se esquecessem todos os esforços colocados na preparação e condução desta Assembleia. Felizmente, todas receberão oportunamente o Documento Interassembleias, que servirá de base para elaborar os seus Projetos provinciais e comunitários. Assim, durante os próximos seis anos, terão diante de si os resultados produzidos pelos membros da Assembleia. É uma grande graça que a Companhia tenha colocado em prática esta excelente dinâmica para assegurar que os esforços realizados e as decisões tomadas não sejam postos de lado ou negligenciados.

Permitam-me simplesmente encorajá-las a manter vivo o espírito da Assembleia. Em particular, peço-lhes que continuem a concentrar-se nos quatro temas que marcaram, de forma especial, os intercâmbios que aconteceram; isto é: os direitos humanos e o desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade; a salvaguarda da “casa comum”; o “viver juntas” em Comunidade fraterna; a transmissão da fé e dos valores cristãos às novas gerações. Estes temas são muito importantes não só para a Companhia, mas também para toda a Igreja e para a sociedade em geral.

Como expressei na minha conferência de abertura da Assembleia geral; **o primeiro tema sobre os direitos humanos e o desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade** toca a própria essência da nossa vocação: o serviço de Cristo na pessoa dos pobres.

No entanto, é muito desencorajador, constatar as necessidades dos pobres e não ter condições de respondê-las, como gostariam. Neste caso, são obrigadas a continuar fazendo o que se pode e colocá-los nas mãos de Deus. Foi o que fez São Vicente quando não pôde aliviar o sofrimento

Ocasião da Renovação dos votos 2022

dos galerianos, como desejaria: “*Só posso ficar profundamente aflito com o intenso sofrimento dos pobres escravos e com a minha incapacidade de conseguir algum alívio para eles; que Deus tenha piedade deles*”¹.

Embora, muitas vezes, não se sintam capazes de aliviar o sofrimento dos mais necessitados, cada uma deve, no entanto, continuar se esforçando para ajudá-los a encontrar meios para saírem da pobreza. A mudança sistêmica é uma excelente ferramenta para conseguir isto. Utilizando-a, ensinam aos pobres a ajudarem-se a si mesmos, a responder as suas próprias necessidades, a saber onde buscar ajuda. O mais importante ainda, é ensinar-lhes as melhores formas de defender os seus direitos e de procurar justiça no que diz respeito as suas necessidades e circunstâncias.

A salvaguarda da “casa comum” é um tema muito querido ao Santo Padre, tanto que cinco anos depois de ter elaborado a sua primeira encíclica, “*Laudato si*”, ele propôs uma plataforma de ação de sete anos para avançar em direção à ecologia integral. O cuidado da criação é de responsabilidade do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, mas a plataforma de ação tem o seu próprio website (<https://laudatosiacionplatform.org/>), que oferece recursos para que comunidades e indivíduos participem da ecologia integral.

Como sabemos, problemas não faltam no nosso planeta. Para além das mudanças climáticas, podemos citar a guerra, a pobreza, o racismo, a desigualdade, a injustiça e muitos outros. Seria difícil de destacar um deles como o problema mais crítico. Contudo, ele disse que a mudança climática é o mais crítico, uma vez que afeta todos os seres vivos e se não forem tomadas medidas suficientes e, em escala global, dentro desta década, poderemos chegar a uma situação sem retorno.

É por isso, que a salvaguarda da casa comum e a ecologia integral devem ser abordadas aqui e agora. Não esqueçamos que a mudança climática afeta, cada vez mais, os nossos irmãos e irmãs pobres e vulneráveis, do que aqueles que se encontram em boa situação. Como servas dos pobres, certamente querem cuidar da casa comum, porque ao fazer isto, cuidam também dos mais pobres da sociedade.

Os membros da Assembleia geral também trabalharam o tema do “*viver juntas*” em comunidade fraterna. Todos nós somos conscientes do

¹ SV, Coste VII, Carta 2819 á Jean Le Vacher, Cônsul em Tunis, 18 de abril de 1659.

desafio que isto representa. Dizemos que se pode escolher os amigos, mas não a família. Nós que vivemos em comunidade, também não podemos escolher nossos Irmãos e Irmãs. Neste sentido, podemos nos encontrar com uma mistura de personalidades e de culturas numa determinada Casa. Cada vez que uma nova pessoa chega nesta Casa ou a deixa, a situação muda. É preciso tempo para construir relações e tornar uma comunidade unida. Santa Luísa e São Vicente tiveram uma proposta para que isto fosse possível. Durante uma reunião do Conselho em 1647, Santa Luísa propôs a São Vicente:

“Meu Pai, resta agora falardes algo sobre a maneira de nossas Irmãs agirem entre si. Não vos parece bom seja proposto que tenham todos os dias, algum tempo para estarem juntas? Uma meia hora mais ou menos, para contarem-se mutuamente as coisas que tenham feito, as dificuldades que encontraram e planejem juntas o que têm para fazer?”

Ele respondeu:

“Oh! meu Deus!... É preciso uma grande comunicação de uma com a outra; é preciso que tudo seja dito umas às outras. Isso une os corações e Deus abençoa os conselhos que assim são recebidos, de forma que os trabalhos melhoram. Todos os dias, durante o recreio, podeis dizer: “Minha Irmã com quem vos encontrastes? Hoje, aconteceu-me isso; que vos parece?” Tal atitude torna a conversa tão agradável que nem podeis imaginar. Ao contrário, quando cada uma faz suas coisas à parte, sem nada dizer às outras, tudo se torna insuportável... Assim pois, minha filha, é preciso que nada se passe, nem se faça, nada se diga, sem que o saibais uma e outra. É necessário haver esse dar e receber, essa mutualidade”².

² A Companhia das Filhas da Caridade nas origens, Doc. 443; p. 533-534; Conselho da Companhia do dia 20 de junho de 1647 - SV, Coste XIII, 641-642.

Ocasão da Renovação dos votos 2022

Da sua parte, Luísa tinha também uma sugestão que poderia ajudar a promover a harmonia numa comunidade. Em 1652, foi estabelecido na Polônia o primeiro grupo de Irmãs. Três anos depois, três outras Irmãs foram enviadas para se unirem a elas. Luísa lembrou ao primeiro grupo:

“Minhas queridas Irmãs, com frequência, me dissestes que não formais senão um só coração entre as três; em nome da Santíssima Trindade, a quem honrais e deveis honrar, peço-vos dilatá-lo e que nossas três Irmãs possam entrar nesta união cordial, de tal sorte que não se possa distinguir quais são as três últimas. Asseguro-vos que elas partem na disposição de querer agradar somente a Deus; todas, sem apego a seus próprios interesses, nem à sua própria satisfação; como vós, minhas queridas, Irmãs. A natureza não deixa de, às vezes, oferecer, mesmo aos mais perfeitos, ocasiões de luta, porém sabeis que isso é prova de fidelidade das pessoas que querem ser totalmente de Deus. Não vos espanteis, pois, com isso, queridas Irmãs; nesses momentos é que nosso espírito deve, mais generosamente, elevar-se, para, apesar da natureza fazer atos de alta virtude, com humilhações imediatas, abrandando o coração e dando provas de que se quer, verdadeiramente, ser cristã; honrando assim a Nosso Senhor pela prática das virtudes que, Ele mesmo, por sua santa humanidade, nos ensinou.

Quereis, minhas caras Irmãs, que vos peça uma coisa que me parece necessária? Nunca faleis em polonês, sem explicar às Irmãs o que estais dizendo; isto as ajudará a aprender mais depressa a língua e impedirá outros inconvenientes que poderiam acontecer, se agísseis de outro modo”³.

³ SL, C. 500 p. 544-545, às Irmãs Margarida, Madalena e Francisca; Varsóvia, 19 de agosto de 1655.

As Irmãs que vivem aqui na Casa Mãe ou em um outro lugar de missão no estrangeiro, fariam bem em seguir o conselho de Luísa sobre a utilização de outro idioma. No entanto, para a maioria das Filhas da Caridade, não existe o uso de diferentes idiomas. Certamente, Santa Luísa gostaria que a sua reflexão fosse ampliada a outras circunstâncias, tais como: a adaptação aos temperamentos, às exigências, aos costumes das Irmãs, etc. Por vezes, precisamos fazer esforços heroicos para “viver juntas” harmoniosamente. Isto requer muita paciência, humildade e caridade.

O quarto tema, que suscitou muito debate na Assembleia geral, foi *a transmissão da fé e dos valores cristãos às novas gerações*. Sabemos, muito bem, que desde o pontificado de São João Paulo II, a Igreja tem tomado medidas consideráveis para chegar até os jovens. As Jornadas Mundiais da Juventude bienais testemunham isso. Embora, estas se realizem universalmente de dois em dois anos, os países são encorajados a organizar os seus próprios encontros nos anos intercalares. Tenho certeza de que algumas Irmãs já acompanharam grupos de jovens a estes eventos e sabem quanta energia e entusiasmo eles geram nos participantes.

No entanto, mesmo que as Jornadas Mundiais da Juventude sejam muito agradáveis e enriquecedoras, os jovens precisam de mais apoio para crescer na fé. Eles precisam de momentos regulares de oração, incluindo tempo de silêncio diante do Santíssimo Sacramento, lectio divina, oração comum da Liturgia das Horas ou do terço e uma frequente participação na Eucaristia e no Sacramento da Reconciliação. Estas práticas podem ser naturais para aqueles que vêm de uma família com forte tradição religiosa. Portanto, muitos outros estão “sozinhos” quando se trata da oração e da liturgia. Por conseguinte, dependem de pessoas comprometidas para conduzi-los e orientá-los.

As Irmãs que estão envolvidas no serviço direto aos jovens, especialmente, as que estão na área da educação, têm muitas oportunidades de estar próximas deles, de responder às suas perguntas e encorajá-los a viver a fé no serviço aos outros. Aquelas que têm pouco ou nenhum contato com os jovens devem fazer esforços para chegar até eles. Felizmente, a nossa Família Vicentina tem excelentes associações que podem ajudar neste sentido.

II - A FAMÍLIA VICENTINA

Como muitas sabem, o Superior geral é o Diretor geral de três ramos leigos da Família Vicentina: Associação da Medalha Milagrosa (AMM), Juventude Mariana Vicentina (JMV) e os Missionários Leigos Vicentinos (MISEVI).

A Associação da Medalha Milagrosa tem milhares, se não milhões de membros em todo o mundo. Está centrada na oração e no anúncio da devoção a Nossa Senhora através da Medalha Milagrosa. É uma Associação pública de fiéis, composta por leigos, clero e membros de institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica que usam a Medalha Milagrosa, cada membro de acordo com o seu estado de vida a honra com exemplos cristãs e missionários. Procuram juntos promover uma vida melhor em comunhão com os outros, desenvolvendo atividades apostólicas enquanto difundem a mensagem da Santíssima Virgem à Santa Catarina Labouré, de 1830. Qualquer pessoa pode ser membro desta Associação. Trata-se, primeiramente de uma Associação de oração, mas também estimula a ajuda ou o serviço aos mais necessitados.

Assim como a Associação da Medalha Milagrosa, *a Juventude Mariana Vicentina* nasceu a partir das aparições à Santa Catarina Labouré, aqui, na Rua do Bac, em 1830. Foi inicialmente chamada de “Filhos de Maria” e, claro, mantém o aspecto mariano. Os membros são jovens. A Associação busca formá-los a uma fé sólida, no seguimento de Jesus Cristo; viver e rezar como Maria na simplicidade e humildade assumindo a espiritualidade do Magnificat: promover, animar e manter o espírito missionário; prepará-los individual e coletivamente para colaborar na Igreja e na sociedade com outros agentes pastorais.

Os membros da JMV realizam diferentes atividades apostólicas com os seus próprios grupos e em coordenação com as paróquias ou com outros ramos da Família Vicentina. Entre as atividades estão:

- Serviço sociocaritativo: contribuição e assistência no trabalho social das Filhas da Caridade, visitas domiciliares regular aos doentes e aos pobres, serviços em lugares de marginalização e

rurais junto aos grupos desfavorecidos (crianças, jovens com problemas comportamentais, mulheres, migrantes, etc).

- Evangelização: colaboração com a catequese paroquial (crianças, jovens e adultos), atividades de evangelização juvenil (seminários, encontros, etc), apoio às missões populares organizadas pela Congregação da Missão.

Como se pode notar, esta é uma excelente Associação para envolver os jovens na fé e no serviço. Ela conta com milhares de membros, em aproximadamente, metade dos países do mundo e dispõe de estatutos nacionais em muitos deles. A sede do seu Secretariado Internacional mudou-se recentemente de Madrid para Manila. Em ambas as cidades pode-se contar com o apoio e a assistência das Filhas da Caridade e dos membros da Congregação da Missão.

Os Missionários Leigos Vicentinos são de origem mais recente. Eles respondem ao apelo do Vaticano II quando nos lembra que, pelo batismo, somos todos chamados à santidade e à missão. Provenientes, principalmente, da Juventude Mariana Vicentina, no início o seu principal objetivo era a missão Ad Gentes. Agora, eles (MISEVI) realizam tanto missões locais como estrangeiras. Esta Associação está crescendo, mas continua sendo bem menor do que as duas anteriormente mencionadas.

Centenas de membros da MISEVI trabalham em missões a curto ou a longo prazo. Alguns vão por todo o mundo e outros partilham o Evangelho nos seus países de origem. Eles estão envolvidos em atividades como: programas de evangelização, ensino e alfabetização, projetos para refugiados e sem-teto, para pessoas com deficiências físicas ou mentais, cuidados de saúde, programa especial de alfabetização e de promoção para mulheres, centros de escuta para vítimas do álcool e da violência, cuidados infantis, pastoral da juventude nas dioceses e na Igreja local, formação de grupos pastorais, visitas às prisões, etc.

Menciono estas três Associações porque gostaria de lhes encorajar a promovê-las e apoiá-las. Uma Filha da Caridade do Conselho geral é membro do Conselho Internacional de cada uma destas associações. Em âmbito nacional, as Filhas da Caridade são assessoras junto aos Conselhos Nacionais de cada Associação e muitas Irmãs trabalham com os membros em âmbito local. Porque cada uma destas Associações, direta ou indiretamente, nasceu

Ocasião da Renovação dos votos 2022

das aparições de Nossa Senhora das Graças a Santa Catarina, é natural que as promova e apoie.

Portanto, peço-lhes de continuar ampliando estas três associações em âmbito provincial e local nos seus respectivos países. Se, por acaso, uma, duas ou mesmo nenhuma das três estiver presente na sua região, peço-lhes, então, que façam esforços para instituí-las. Todas as associações têm sites internacionais, onde se pode encontrar informações sobre como proceder. Não hesitem de trabalhar em conjunto com os nossos Irmãos. Muitas vezes, também os encorajei a desenvolver e apoiar estas três associações.

Gostaria também de mencionar duas outras associações, que são membros importantes da nossa grande Família: *Associação Internacional de Caridade* (AIC) e a *Sociedade de São Vicente de Paulo* (SSVP).

Como conhecem a AIC é o membro mais antigo da nossa Família Vicentina, até mesmo que a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade. Em muitos países, as Filhas da Caridade trabalham em estreita colaboração com ambas as associações, servindo frequentemente como assessoras nos seus conselhos locais ou nacionais. Estou muito grato por esta colaboração e lhes encorajo a continuar promovendo-a.

Se tiverem quaisquer dificuldades ou perguntas relativas à promoção e à assistência da AMM, da JMV e da MISEVI, podem entrar diretamente em contato comigo como Diretor geral. Se houver situações financeiras ou outras que tornam difícil o estabelecimento de qualquer uma delas, faremos o nosso melhor para ajudá-las. Gostaria muito de ver estas associações serem criadas e ampliadas em países ou regiões onde não existem atualmente. Conto com cada uma, na medida do possível, para me ajudarem nesta tarefa.

As três associações podem servir para fortalecer os jovens na sua fé, ensinar-lhes o valor do serviço aos outros e ajudá-los a tornarem-se membros comprometidos da Igreja Católica, promovendo estes valores num mundo que tão desesperadamente precisa deles. Sabemos que muitos jovens são idealistas. Procuram viver de forma mais simples, evitando as armadilhas da nossa sociedade de consumo, cuidando de toda a criação e ajudando os pobres. Ao chegar até eles, podem mostrar-lhes como atingir estes objetivos e assim promover uma ordem social mais justa e pacífica.

Por fim, pessoalmente, peço-lhes que coloquem a nossa próxima Assembleia geral nas suas orações. Como devem saber, ela acontecerá de 27 de junho a 15 de julho em Roma. A Comissão Preparatória tem trabalhado arduamente para assegurar que tudo esteja a postos para um bom funcionamento deste importante acontecimento. É claro que ainda existem alguns detalhes de última hora a serem trabalhados. Contudo, nesta etapa, contamos principalmente com a inspiração do Espírito Santo durante os debates, é por isso que peço a sua ajuda em oração.

Tomaž MAVRIČ, CM
Superior geral

Carta de 9 de maio de 2022

Queridas Irmãs,

Aos poucos, nos habituamos a celebrar a festa de Santa Luísa depois da Páscoa, na alegria da ressurreição e na expectativa da vinda do Espírito Santo. Cristo ressuscitou verdadeiramente! É nossa segurança e nossa força porque a morte, de uma maneira ou de outra, afeta-nos direta ou indiretamente a cada dia.

Santa Luísa meditava frequentemente sobre o Mistério Pascal, aprofundando-o na sua própria vida e propondo às Irmãs que fizessem o mesmo: “...*Escolher a vida de Jesus Crucificado como modelo de nossa vida*” (SL, E. 33, p. 840). Ou ainda “...*Não se pode ressuscitar com Jesus Cristo, se antes não se tiver morrido desta maneira*” (SL, C. 637, p. 677; 5 de julho de 1658).

Somos sempre confrontadas com este mistério na nossa vida pessoal e comunitária. Toda a humanidade continua experimentando sofrimentos e violências e, ao mesmo tempo, reconhecemos que ela passa por centelhas de ressurreição como por exemplo: os movimentos de solidariedade, o testemunho de homens e mulheres que se superam, histórias de conversões que nos tocam e nos renovam, belos exemplos de fidelidade, jovens que fazem a escolha de se doar a Deus na Companhia ou em outro lugar... Abramos os nossos olhos e os nossos corações para os ver.

No Documento Interassembleias, a primeira porta a abrir é a da *mística de olhos abertos* com a chave da *contemplação*. Um olhar de fé... ter os olhos abertos para Deus, para o mundo a fim deamá-Lo e servi-Lo. Santa Luísa era uma mulher totalmente voltada para o Senhor e para todas as pessoas que viviam na pobreza. Deste modo, ela reduziu, gradualmente, a distância entre a contemplação a Deus e o olhar para aqueles que sofrem, colocando claramente o Evangelho no centro da sua vida e, em particular: “*Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*” (Mt 25, 40).

“A contemplação para melhor amar”, um caminho de vida que Santa Luísa percorreu e que somos convidadas a prosseguir.

A contemplação...

A expressão escolhida pelos membros da Assembleia geral, “*uma mística de olhos abertos*” e sua chave correspondente, *a contemplação*, chama-nos a fortalecer nossa convicção interior de que tudo é fundamentado em Cristo, a pedra angular. As orientações expressas no Documento Interassembleias concretizam isto: ver Cristo presente em todos os nossos irmãos e irmãs, reconhecer Jesus ressuscitado, dedicar tempo para nos maravilharmos... É simples e, no entanto, sabemos que é preciso uma vida inteira para aprender a:

- ter um olhar acolhedor e benevolente para com o próximo, a exemplo do bom Samaritano, de olhos abertos para não passar adiante de uma pessoa que sofre, independente de quem seja, em nome da nossa humanidade comum.
- não evitar o estrangeiro, o doente, o prisioneiro, o excluído, a pessoa solitária, idosa, que perdeu o rumo...
- olhar a exemplo de Jesus, que encontramos todos os dias na Palavra de Deus e nos pequenos e grandes acontecimentos da vida quotidiana.
- olhar e deixar-se olhar por Deus e pelos nossos irmãos e irmãs porque pertencemos à mesma família: a dos filhos de Deus. É um olhar de fraternidade que nos faz crescer e viver.

Contemplar, olhar, significa saber como acolher o que Deus nos dá para viver cada dia, aceitando cada encontro como um presente do céu.

Santa Luísa, da luz de Pentecostes até o fim de sua vida, buscou e desenvolveu esta “*mística de olhos abertos*”. Sua profunda união com Deus na oração, a sua constante contemplação de Cristo crucificado, o seu desejo de se deixar guiar pelo Espírito Santo, levou-a gradativamente a aprimorar o que se tornou o ponto alto do carisma da Companhia:

“Temos de ter, continuamente, diante dos olhos, o nosso modelo que é a vida exemplar de Jesus Cristo, a cuja imitação somos chamadas não somente como cristãs, mas, também por termos sido escolhidas por Deus para servi-lo na pessoa de seus pobres” (SL, C. 257, p. 298, de 29 de agosto de 1648).

Abrir nossos olhos ao nosso modelo, Jesus Cristo, para servi-Lo nos nossos irmãos e irmãs... uma única contemplação, um único olhar enraizado no mistério da Encarnação, coração da nossa vida inteiramente doada a Deus e aos pobres.

... para melhor amar

“Tratemos de encontrar-nos muitas vezes diante de Nosso Senhor; vendo, a Ele, no exercício da caridade para com o próximo” (SL, C. 366, p. 402, 1º de junho de 1651).

As orientações expressas nas páginas 4 e 5 do Documento Interassembleias resgatam, hoje, aquilo que Santa Luísa continuou a ensinar às primeiras Filhas da Caridade: contemplar a relação de Jesus com o seu Pai, escutar atentamente as pessoas que encontramos, cuidar delas e nos permitir ser evangelizadas.

O Papa Francisco, na sua mensagem durante a Assembleia geral, insistiu sobre esta necessidade de retornar sem cessar a nossa história:

“Esta foi a vossa característica desde o início. Uma Companhia de mulheres feita para ir levar o amor de Cristo aos pobres. Isto conduziu-vos ao mundo inteiro não só para ajudar os pobres nos grandes institutos, nos hospitais, orfanatos e escolas, mas também para os visitar, para ir ao seu encontro nos lugares onde vivem, para percorrer com eles os caminhos de crescimento humano, de promoção da vida, de cuidado espiritual” (Papa Francisco às Filhas da Caridade, 20 de novembro de 2021).

Contemplar para melhor amar, “indo e vindo”, assim como são as nossas origens e o nosso hoje. Todos os dias, no mundo inteiro, as Filhas da Caridade vivem isto e têm esta audácia que as conduz a sair ao encontro das pessoas nas periferias, das que sofrem, daquelas que são postas às margens e que vivem a solidão.

Somente a confiança, alimentada pela contemplação de Cristo, pode dar-nos a coragem de abrir as nossas portas e o nosso coração, pois sabemos que o Senhor nos sustenta diante das nossas fragilidades pessoais, comunitárias, provinciais e até mesmo de toda a Companhia.

Santa Luísa, habitada pelo Senhor, segura da sua presença em todas as coisas, enviou destemidamente as Irmãs em missão: *“Lembrar-se-ão, com frequência, de que foram instituídas para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Patrono, e nesta consideração, farão todos os esforços para imitar suas santas virtudes, principalmente, a humildade, simplicidade, modéstia e caridade, virtudes que compõem o espírito da Companhia. O meio para tal é afigurar-se que Nosso Senhor lhes está presente e agir e falar como o fariam se seus Superiores as vissem”* (A Companhia das Filhas da Caridade nas origens, Doc. 664, p. 864; avisos de Santa Luísa às Irmãs da Caridade que vão para Arrás).

Escutemos Santa Luísa e agradeçamos pela sua vida, agradeçamos por este caminho que ela traçou para nós e que tentamos percorrer com fé e generosidade. Rezemos umas pelas outras, para que saibamos continuar o caminho com o mesmo espírito e testemunhar o amor do Senhor por todos. *“Fazei tudo o que Ele vos disser”* (Jo 2, 5).

Entre as centelhas de ressurreição, menciono as jovens que fizeram a escolha de se doar a Deus. Até o final de julho, quarenta e seis postulantes entrarão em diferentes Seminários da Companhia e onze Irmãs emitirão os votos pela primeira vez. Coloquemos cada uma nas nossas orações, especialmente, neste dia 9 de maio e confiemos a sua caminhada a Santa Luísa.

Rezemos também pelas duas Irmãs do Centro Internacional Missionário que terminam sua preparação para a missão Ad Gentes. Irmã Martha HI KIM, coreana, (Província Santa Luísa de Marillac-Ásia) será enviada à Província do Congo na Tanzânia e a Irmã Anna Loan DAM THI LOAN (Província do Vietnã) será enviada à Província da África Central.

Boa festa de Santa Luísa para todas!

Afetuosamente e com a certeza das minhas orações,

Irmã Françaíse PETIT
Filha da Caridade

A

Assembleia Geral

Apresentação do tema:

“Ephata”

Em setembro de 2018, os membros do Conselho geral reuniram-se para escolher a citação do Evangelho que serviria de trampolim para as Assembleias. Como fazemos a cada seis anos, queríamos proporcionar um forte dinamismo, um impulso que correspondesse às necessidades atuais.

Já tínhamos os tópicos essenciais para tratar, porque no encontro Interassembleias com as Visitadoras em maio de 2018, elas expressaram o que consideravam importante para a Companhia. Os seguintes temas emergiram quase por unanimidade: a comunhão, a solidariedade, a justiça, o diálogo, a salvaguarda da casa comum e sobretudo, a cultura do encontro.

Foi este conjunto de sugestões que nos levou a dar prioridade ao encontro, um encontro centrado na missão.

Em um domingo do mês de setembro de 2018, a liturgia nos inspirou com a passagem do Evangelho de Marcos 7, 31-37 e o convite de Jesus: “Ephata, abre-te”. Em oração e reflexão, todas nós sentimos que o Espírito tinha nos inspirado e nos guiado através desta Palavra viva.

Foi desta forma que o Ephata se tornou um apelo para toda a Companhia, Províncias e Comunidades. Um apelo para abrir os nossos corações e as nossas

mentes: abertura a Deus, aos nossos irmãos e irmãs à nossa volta e às nossas Irmãs de comunidade.

Desde as origens, este apelo foi escutado na Companhia, apenas as expressões mudaram. Se retomarmos as duas últimas Assembleias, “Deixemo-nos transformar pelo Espírito”, em seguida, “Audácia da Caridade para um novo elã missionário”; Ephata surgiu como uma continuidade, porém com mais especificidade relacionado ao nosso tempo tão agitado. A fidelidade e a criatividade são os dois motores da Companhia e por isso, podemos render graças.

A situação, desde setembro de 2018, mudou consideravelmente. O mundo nos desestabilizou. Como vivermos o Ephata em período de confinamento, quando as fronteiras foram fechadas, as viagens mesmo dentro do país foram interditadas; nós, que somos justamente uma Companhia sem fronteiras? Um confinamento para as Filhas da Caridade, que por vocação, têm por claustro as ruas da cidade!

No entanto, todas as Províncias enfrentaram o desafio e continuaram, de uma maneira ou de outra, a se abrir com maior determinação.

Pois, Ephata refere-se a todas as dimensões da nossa vida: Ephata é antes de tudo acolhimento Daquele que é a fonte de todas as coisas, Daquele que nos envia como enviou seus discípulos.

Depois, existem os “Ephatas” interiores, os “Ephatas” dos olhares, das relações, os “Ephatas” geográficos, os “Ephatas” que impulsionam a conversão, os “Ephatas” missionários.

Em 2019, o Papa Francisco, expressou bem o significado que queríamos dar a este percurso das Assembleias. Vou ler esta frase. Penso que todas a conhecem bem:

“Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida” (Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2019).

A Irmã Mônica, vai ilustrar o meu ponto de vista e testemunhar o seu Ephata, aquele que lhe foi pedido quando ela deixou a sua Província para servir na Casa Mãe.

Ir. Françoise PETIT
Filha da Caridade

Assembleia Geral 2021 Experiência de uma Irmã da Nigéria

Envio em missão para a Casa Mãe

Enquanto me preparava para escrever este testemunho, uma canção veio a minha mente. Ela é do Padre Carey Landrey e se chama: “Perca-se em mim e você se encontrará”.

Recebi a notícia da minha mudança para a Casa Mãe com sentimentos mistos: por um lado, senti-me honrada por ter sido escolhida para a missão e, por outro lado, fiquei assustada e atordoada. A minha Visitadora, Irmã Glória Aniebonam, anunciou-me a notícia na Sexta-feira Santa, 19 de abril de 2019. Foi uma alegria pensar que eu viria servir na Casa Mãe, coração e berço da pequena Companhia, o chão onde a nossa Santa Mãe colocou os pés em 1830; mas eu também estava confusa, assustada e preocupada.

“Confusa” porque eu tinha acabado de ser transferida para uma nova Comunidade seis meses antes e estava ainda me adaptando. Na verdade, a minha nova Comunidade tinha começado a negociar a vaga de professora na diocese. O processo tinha começado há pouco e a minha Visitadora sabia disso. Então, como é que tudo isto pode ser interrompido de repente?

“Assustada e preocupada” porque, na época, a minha saúde não estava muito boa. Eu tinha estado gravemente doente no ano anterior (quase perdi a vida). Eu ainda não tinha me recuperado totalmente e não conseguia fazer grandes coisas. Além disso, a minha mãe estava muito doente com uma artrite crônica que a deixou quase parálitica. De fato, tive a permissão da minha Irmã Servente para passar alguns dias com ela e também para a acompanhá-la ao hospital. Eu ainda estava na cidade com ela, quando recebi um telefonema da minha Irmã Servente, dizendo que a Visitadora precisava me ver com urgência. Fui a Port Harcourt no dia seguinte e quando ela me

deu a notícia, fiquei atordoada e sem palavras. Para mim foi como um sonho. A primeira coisa que eu disse a Visitadora foi: “Mas, Irmã, a senhora sabe que a minha mãe está doente. Preciso ficar perto dela”. E, ela respondeu: “Não se preocupe, Irmã Mônica, Deus cuidará da sua mãe”. Tive que dizer sim, não porque estava convicta, mas por causa do meu voto de obediência. Com a minha boca eu disse “sim”, mas o meu coração estava fechado. Ao sair do seu gabinete naquele dia, muitas perguntas vieram à minha mente: como a minha mãe reagiria àquela notícia? Como é que ela vai lidar com isto? E se ela morrer pouco depois de eu partir? Também pensei na minha saúde e perguntei-me se seria capaz de me adaptar à vida na Casa Mãe [sabendo que o ritmo de vida é diferente. Eu o sabia muito bem porque já tive o privilégio de visitar a Casa Mãe duas vezes - a primeira vez em 2002 (para um retiro) e em 2018 (para a Sessão de Formação Vicentina para as Irmãs da África)]. Eu sabia que na Casa Mãe, as Irmãs são animadas e ativas, mesmo as mais idosas. Estes e muitos outros pensamentos ocuparam a minha mente, mas especialmente, o pensamento da minha mãe doente. Enquanto pensava e me preocupava com ela, lembrei-me das palavras de Jesus: *“Aquele que ama o seu pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim”* (Mt 10,37). Isto tinha realmente enfraquecido a minha resistência. Tive de me abandonar gradual e dolorosamente a Jesus na oração e através dela. Todo o processo foi duro e difícil, mas estou contente que o Espírito de Deus tenha tomado o controle e me dado a força para deixar Deus trabalhar em mim.

Minhas descobertas:

- O medo do desconhecido pode paralisar-me e me impedir de viver plenamente, de me entregar verdadeira e livremente com audácia a Deus para o serviço;
- A minha entrega a Deus em Comunidade para o serviço exige que eu mantenha o meu coração sempre aberto para receber os novos e cotidianos apelos de Deus;
- A minha vida em Cristo compreende que eu devo morrer muitas vezes para mim mesma e ainda sou uma criança muito pequena a este respeito.

Testemunho Ephata

O que recebi:

- A graça de não me preocupar muito com tudo;
- A coragem de abandonar o projeto atual e aceitar o novo plano de Deus para mim;
- A paz de coração e de espírito;
- Participar da Assembleia doméstica aqui na Casa Mãe no ano passado ajudou-me muito a olhar para o meu passado e agradecer a Deus por esta extraordinária experiência de fé.

O que mudou em mim:

- Estou muito mais atenta ao que Deus exige de mim, de maneira sutil, no quotidiano;
- Aprecio mais profundamente a abertura e a abnegação de Nossa Senhora ao plano de Deus para a sua vida, e a seu exemplo, estou aprendendo a confiar mais na Divina Providência e a abandonar-me cada vez mais à Sua santa vontade.

Irmã Mônica EBUOGBEI

Filha da Caridade

Apresentação do Tema:

“Sair porta afora”

A primeira *palavra* escutada por cada uma de nós foi aquela que precisávamos e que foi utilizada pelo próprio Jesus: *Ephata*, quer dizer: “*abre-te*”. Esta é a única palavra que Jesus pronuncia ao longo desta narrativa e logicamente, Ele não se dirige aos ouvidos do surdo, mas ao seu coração. Assim também esta palavra chegou até nós e como a Irmã Françoise acabou de expressá-la, cada Filha da Caridade fez a experiência de que ela está e estará sempre direcionada ao coração da Companhia, ao coração de cada uma em particular. Nesta palavra há uma fecundidade que liberta para amar e servir.

Na medida em que nos abrimos, o Espírito Santo pode nos sugerir a ir mais longe, dar um passo a mais e *sair porta afora*, o que nos permite redescobrir a audácia criativa dos nossos Fundadores, com a beleza e a força do carisma e, a partir destas raízes cheias de vida, responder aos desafios de um novo tempo que se abre a nós.

Falando de raízes cheias de vida, penso na Carta Magna da Companhia, esta maneira única de conceber a nossa vocação naquela época, que é para mim a grande *porta aberta*, aberta por São Vicente e Santa Luísa na história da Igreja, da Vida religiosa, da sociedade contemporânea e mesmo da vida dos pobres. Com esta porta permaneceram abertas muitas outras que transcendem o tempo e conduzem a Companhia às periferias geográficas e existenciais dos mais abandonados.

Apresentação do Tema: “Sair porta a fora”

A força da vida que emana desta inspiração do Espírito, nos nossos Fundadores, continua sendo uma fonte de esperança e de coragem apostólica para sair porta a fora, indo ao encontro dos outros. Em resumo, “*sair porta a fora, permanece um símbolo de todas as saídas realizadas pelos nossos Fundadores e Fundadoras*” (Anunciai, 62), “um reencontro com o carisma”.

Deixemo-nos interpelar por esta questão: Quais são as portas pelas quais a Companhia poderá ter necessidade de passar? Eu partilho algumas destas “portas”, pois poderemos discernir muitas outras em conjunto no decorrer desta Assembleia.

- A porta daqueles medos que nos paralisam, das ideias “imutáveis”, das estruturas preconcebidas, para acolher o sopro do Espírito que recria e renova na fragilidade.
- A porta da nossa presença, serviço e estilo de vida para revisá-los com toda a liberdade e estabelecer prioridades missionárias que faz sempre opção pelos pobres e excluídos.
- A porta das barreiras culturais para deixar nascer a diversidade e a riqueza que o Espírito suscita, fonte de possibilidades.
- A porta da incerteza devido a diminuição do número de Irmãs para que o realismo da escassez não se imponha às necessidades reais dos mais fracos, “não feche” ou sufoque os projetos, nem os sonhos missionários.
- A porta das gerações que coexistem nas nossas Províncias para redescobrir o sentido do reconhecimento, da apreciação de cada etapa e para transmitir o que é essencial na nossa vocação.
- A porta das rupturas políticas e sociais para clarear nossas posições e as nossas decisões face ao direito, ao respeito pela dignidade de cada ser humano, pela justiça, pela verdade.
- A porta da salvaguarda da criação, da nossa casa comum e de uma economia solidária para fortalecer a solidariedade com os mais necessitados.
- A porta da fraternidade sem fronteiras, aberta a todos para recuperar a essência do Evangelho.

- A porta do serviço em colaboração com a Igreja, com outras Congregações Religiosas, entre nós em todos os níveis e com a Família Vicentina para assumir a missão como possibilidade real de partilhas de dons, de ajuda mútua, de comunhão, de carisma e de caminho de fraternidade.
- A porta dos efeitos da pandemia do covid-19, das profundas transformações que estão acontecendo e da repercussão em todos os níveis para confrontar os desafios e para tentar dar uma resposta inspirada no Evangelho.

Talvez, seja este o “itinerário” na vida da Companhia, sair porta afora e ir para encontrar os outros com o coração aberto. Peçamos ao Espírito Santo, fonte de vida, que nos mostre sempre o caminho.

Este é precisamente o itinerário da Irmã Rita, originária da Província da Amazônia, que vai partilhar como ela saiu porta afora para deixar a si mesma e entrar na cultura indígena.

Irmã Iliana SUAREZ

Filha da Caridade

Assembleia Geral 2021

Experiência de uma Irmã brasileira

A missão na Amazônia

Antes de dizer-lhe como “sair porta afora” para servir os povos indígenas na Amazônia, irei à fonte da minha vocação, que foi a primeira vez que eu saí porta afora.

Como a “água pequena”, comecei a voar aos poucos. Sai da casa dos meus pais para estudar na cidade. Depois fui para outra cidade fazer a experiência vocacional e em seguida o postulado. Entrei para o seminário e fui enviada em missão para o estado do Maranhão, deixando o Ceará, meu estado de origem. Algum tempo depois fui enviada para Belém do Pará, para Manaus-AM e Boa Vista-Roraima.

Os deslocamentos geográficos se dão ao mesmo tempo que os interiores. Vamos nos envolvendo, encantando-se, como a história da “boneca de sal” que queria conhecer o mar, e para isto, era preciso mergulhar nele, consumir-se, embora tendo que se desfazer da sua forma de boneca e passar a integrar-se em suas águas. Assim foi a minha experiência na Região da Amazônia. Encantei-me com as novas realidades das águas e das florestas, mas também com os novos desafios, como viagens longas, dia e noite sobre as águas, arriscando a própria vida e sentindo a realidade da pobreza, da austeridade e muitas outras necessidades.

Tocar a realidade indígena foi um avanço audacioso, pois conheci um universo vasto que eu jamais imaginei. Pude alimentar o sonho de que um “novo mundo é possível”. Quando vi os povos indígenas vivendo em sua própria terra, com suas culturas, lutando em defesa dos seus direitos, senti-me mais comprometida com a causa indígena. No entanto, o entusiasmo não é o suficiente para inculturar-se.

Para participar do universo indígena é necessário despojamento, compromisso, tempo, escuta, paciência, respeito, proximidade, confiança e amor. Depois de caminhar muito tempo com eles é que podemos contar com sua confiança. Quando eles confiam em nós, então fazem um batismo dando-nos um novo nome. Deram-me o nome de Magikiab em wapichana (língua indígena) que significa não vai mais crescer e em português Piaba, que é o nome de um peixe pequeno.

Antes de iniciar o trabalho na área indígena, participei de um período de formação específica com noções da história dos povos indígenas, sua organização antes e depois do contato com os invasores; antropologia, cultura, direitos civis e indígenas, terra e território, experiência prática e conhecimento da atuação dos organismos que os acompanham como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e outros órgãos.

Adentrar na cultura indígena me proporcionou uma nova forma de ver o diferente. Abnegar-me dos meus conceitos e preconceitos, observar, participar dos trabalhos e da vida cotidiana, escutar com paciência as longas e repetidas falas que eles fazem para permanecer viva a memória e a história. Os povos indígenas têm seus sonhos e lutam para vê-los realizados. São persistentes na luta pela defesa da vida, da preservação do meio ambiente e, sobretudo do usufruto da terra, do respeito às suas culturas, a sua dignidade e que seus sucessores possam viver na liberdade de filhos de Deus. Para eles, acumular não é sinônimo de riqueza e felicidade, viver com o necessário é suficiente para a comunidade e para o bem de todos.

Apesar da longa caminhada já percorrida, eles não estão isentos dos problemas da sociedade humana como as drogas, a violência doméstica, as divisões, as influências do capitalismo que lhes apresentam como sendo “modelo de desenvolvimento”. Porém, é gratificante ver que eles estão atentos aos riscos de serem enganados e corrompidos. Por esta razão eles formam novas e seguras lideranças para que sejam capazes de continuar a luta.

Que linda experiência vivi! Que missão gratificante, ver o progresso das novas gerações assumindo seu protagonismo nas áreas da educação,

Apresentação do Tema: “Sair porta afora”

saúde, direito, economia da própria organização e das tradições culturais. É fantástico acompanhar o crescimento da população indígena; a vivência e atuação de outras culturas, povos e nações. Vivi uma verdadeira saída de mim mesma, uma abertura para acolher o novo, a mobilidade, a gratificação em trabalhar com outros missionários/as, leigos/as, equipes nacionais, internacionais, intercongregacionais e itinerantes.

Eu vivi um verdadeiro Ephata, um deixar-me a mim mesma, uma mudança interior, mudei a visão que tinha do “Deus todo poderoso” para o Deus amoroso, companheiro e compreensivo. Aprendi a ter um novo olhar para a terra e para a natureza. Hoje tenho mais coragem de me arriscar. Acredito realmente que Deus acompanha de perto a luta dos oprimidos e daqueles que se unem a eles na defesa da vida. “Não tenhamos medo de sair porta afora...”

Irmã Rita LOPES DE LIMA

Filha da Caridade

Apresentação do Tema

“Ir para”

Ir para: “Ora, não há ninguém que ande tanto no meio do mundo como as Filhas da Caridade...” (SV, conf. de 24 de agosto de 1659, p. 876).

Na Bíblia, o verbo ir, nas suas numerosas versões, significa “perseguir um modo de vida, ir em frente, procurar”. “Vai!” é uma ordem para agir, um movimento em direção pela qual se é enviado”: *“O Senhor disse a Abrão: ‘Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar’ (Gn 12, 1). É um apelo à missão: “Vai, pois, e eu te enviarei ao faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3, 10). É uma missão: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15). É uma promessa de alegria! “Ide dizer aos meus irmãos que se dirijam à Galileia, pois é lá que eles me verão” (Mt 28, 10).*

Quando éramos apenas uma intuição no coração e na mente de Vicente e de Luísa, Deus já tinha no seu plano um grupo de mulheres que O seguiria *“indo e vindo”* como um estilo de vida e, conseqüentemente, a Carta Magna:... *“por claustro as ruas da cidade”*; um grupo de mulheres sempre em missão porque *“nenhuma miséria lhes deve ser estranha”* (C. 11a); um grupo de mulheres enviadas para servir e para *“procurar os mais pobres e os mais abandonados”* (C. 11b); e enfim, um grupo de mulheres que encontram a alegria de ir porque *“uma Irmã irá dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por dia encontrará Deus neles”* (SV, conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 170).

Apresentação do Tema: “Ir para”

O “IR PARA” da Companhia e de cada Filha da Caridade é um ir determinado, decidido e intencional, “*com a audácia dos Apóstolos, São Vicente e Santa Luísa, desde as origens, lançaram suas filhas nos caminhos do mundo*” (C. 25a). Ao longo dos séculos, herdamos das Irmãs que nos precederam uma determinação de servir os pobres a qualquer custo, e uma coragem que permitiu as missionárias atravessar oceanos e aprender línguas para levar a ternura de Deus aos pobres.

Em cada “ir para” de ontem e de hoje, expressa-se um ato de fidelidade ao carisma, uma afirmação de pertença à Companhia e uma declaração de disponibilidade livre e incondicional à vontade de Deus. Isto não significa que não sintamos a tristeza da perda, o pesar de ter que deixar serviços, Comunidades, lugares de missão e pessoas muito amadas que nos definiram durante tanto tempo e nos deram muita alegria. Portanto, a exemplo das Irmãs que nos precederam, nós afirmamos que “*não (somos) daqui, nem dali, mas de qualquer parte onde aprouver a Deus que eu esteja.... (nós fomos) escolhidas para estar assim à disposição da sua divina Providência*” (cf. SV. de 31 de julho de 1634, p. 7). E sabemos, o quanto isso, por vezes pode ser confuso porque Deus tem uma forma particularmente única de modificar os nossos projetos e as nossas vidas.

Na carta de 9 de maio, Ir. Françoise nos assegura que: “*Este ‘sim’ a Deus não faz desaparecer as dificuldades para realizar a missão confiada ou qualquer outra forma de mudança: lugares comunitários, etapas da vida, estado de saúde*”.

Santa Luísa nos encoraja: “*sede, portanto corajosas, a cada momento, avançando no caminho no qual Deus vos colocou para ir até Ele*” (SL, C. 426, p. 469).

“*Onde deve estar a Companhia e como esta presença deve ser no início do terceiro milênio? Lá onde reina a escuridão; onde deve ser dado o sabor da vida, onde a massa deve ser transformada*” (Pe. Quintano, a Companhia no terceiro milênio).

E assim hoje, minhas Irmãs, nesta Assembleia geral histórica que acontece em uma situação mundial de doença, de angústia e de morte, mas também de muita compaixão, de graça, de generosidade e de solidariedade que tem rompido as fronteiras materiais e geográficas, Vicente nos convida: “*Ides como os apóstolos, de um lugar para o outro*” (SV, conf. de 2 de novembro de 1655, p. 557), e nos exorta:

“Ide, pois, [minhas Irmãs], ide em nome de Nosso Senhor. Peço a sua divina bondade que vos acompanhe, seja vosso consolo no caminho, vossa sombra contra o ardor do sol, vosso abrigo nas chuvas e no frio, vosso leito macio no cansaço, vossa força no trabalho, e enfim, vos reconduza em perfeita saúde e plena de obras” (cf. Obras Completas, SV, I, p. 83-84).

Convido neste momento a Ir. Solange da Província da Bélgica-França-Suíça para partilhar a sua experiência de “ir para” as pessoas em situação de prostituição e uma visão geral do que ela aprendeu.

Irmã Maria-Teresa MUEDA
Filha da Caridade

Assembleia Geral 2021

Experiência de uma Irmã francesa

Ir ao encontro das mulheres em situação de prostituição

Há dezoito anos eu sou voluntária numa Associação chamada “Aux captifs la libération” (Aos cativos, a libertação) – título inspirado em São Lucas 4, 18. Para as mulheres em situação de prostituição, a libertação evoca a saída do tráfico e de todas as catividades que as impedem de viver dignamente.

Todas as quintas-feiras, vou ao encontro delas nas ruas com uma outra voluntária, no mesmo itinerário para saber por exemplo se “Rita” estará nesta calçada, “Cocota” naquele corredor do prédio, desta maneira preparamos o coração para o encontro, um encontro gratuito com as “mãos vazias”, mas, pleno de sentido aos olhos e ao coração. São elas que nos recebem porque o pedaço da calçada que ocupam é como se fosse a casa delas (pagam por ele a “Mamma” (proxeneta).

São mulheres corajosas que estão sempre prontas a lutar pela vida, apesar da violência dos clientes, dos proxenetas e das rivalidades étnicas. Elas têm uma força para não se desesperarem; são guerreiras. Onde é que elas conseguem esta força para sobreviver? Antes de tudo, elas são pessoas e não prostitutas, são transgêneros que estão numa situação de prostituição, mas, não são somente isso, elas trazem consigo valores, talentos e Deus ama cada uma como elas são.

Pois, elas me falam de DEUS, que está próximo dos pequenos e das prostitutas. Precisamos ajudá-las a encontrar lugares onde possam viver em segurança, numa ruptura com o ambiente da rua, para lhes permitir expressar

os seus sofrimentos, as suas angústias e desenvolver um sentido de beleza, de silêncio, de solidariedade, mas também de fraternidade.

Ousar encontrá-las significa “ir ao encontro” delas, como elas são, ocultar-se quando o cliente chega, aceitar que elas simulam falar ao telefone para nos dizer que não querem conversa conosco naquele dia, às vezes, isto é muito desafiador.

Para mim, não se trata apenas de servi-las, mas de estabelecer laços de amizade e ternura, compreendê-las sem julgamento, receber todo este sofrimento e riqueza como um presente de DEUS porque elas me fazem crescer na minha humanidade e na minha fé no Deus do Amor.

Eis o que aprendi com elas:

- Descobrir e viver um pouco universalmente: as mulheres são de muitos países do mundo e, portanto, aceitar a incapacidade de compreender tudo sobre a sua língua e cultura.
- Receber a sua amizade, muitas vezes expressada através do toque, o “deixar-se tocar” em todos os sentidos da palavra, mostrar que as amamos gratuitamente, porque para elas todos os encontros são pagos: o proxeneta, o cliente, a “senhora”, pedaço de calçada.
- Para ter uma palavra que as defenda e as respeite: elas são minhas irmãs e nós fazemos parte do mesmo povo de DEUS. Estas jovens mulheres feridas, envelhecidas antes do tempo, são pessoas de fé, as orantes da rua; elas me falam de DEUS com os seus gestos e com as suas palavras. Com elas, dedicamos tempo para falar com o Senhor, cada uma na sua própria língua, frequentemente é uma Torre de Babel, mas Deus está presente no coração deste encontro.
- Ousar aproximar-me delas, colocar-me em seu lugar, fazer-me sua amiga, caminhar com elas, procurar o significado da minha presença, ouvir através das suas incertezas, mas também das minhas próprias, não escolher a mais agradável; todas têm direito à minha presença e à minha amizade. Por vezes, não sei para onde vou no encontro, mas sei que o Senhor está lá no coração deste encontro e que Ele está à minha espera.

Apresentação do Tema: “Ir para”

- Não as julgar. Ao compartilharem as suas histórias, elas me fazem compreender todo o seu caminho de sofrimento: vendidas pelas suas famílias, repetidamente violadas, pernas queimadas por cigarros, espancadas por mercenários... e estão lá sorridentes, acolhedoras, sempre prontas a deixar o seu inferno.

Descobri que em cada fase da vida, vivo uma forma evolutiva de estar ao serviço destas jovens mulheres. Tenho cabelos brancos e esperam de mim a atenção, a gratuidade, a ternura da sua avó que permaneceu no país (muitas vezes é o único vínculo familiar e afetivo que permanece no país).

Que futuro? Elas não poderão regressar para o país de origem: rejeição por parte da sua família, desonra, desrespeito pelos compromissos assumidos no momento da cerimônia vudu. Somos a memória da sua partilha quando nos falam sobre as crianças da família, sobre o seu sofrimento.

Aceitar sofrer com elas: *“Como sofro com vossos sofrimentos”* (Obras Completas, SV, I, p. 158, Carta 92 - à Luísa de Marillac, em 1631). O meu encontro com estas jovens mulheres me impressiona, fico comovida com o seu sofrimento. Creio que este é o sentimento de Jesus Cristo no Evangelho. Lemos frequentemente: “Jesus teve compaixão”.

“Não cuideis dos prisioneiros se não concordares em lhes seres submissas e suas aprendizes. Aqueles a quem chamamos os miseráveis são os que devem evangelizar-nos e converter-nos. Depois de DEUS, é a eles que eu devo mais!” (baseado nas citações de São Vicente).

Irmã Solange RAULT

Filha da Caridade

Apresentação do tema

“Encontrar”

Eu estou feliz em poder partilhar com vocês alguns pensamentos sobre a palavra “encontrar”. Mesmo se esta é a última do tema da Assembleia, não é por isto que ela é menos importante! Ao contrário, o verdadeiro encontro é uma graça divina que faz nascer coisas novas e pode mudar nossa vida e a dos outros! Um encontro autêntico começa quando temos a coragem de “parar”, de nos deixarmos incomodar para dar a quem se aproxima um pouco do nosso tempo, uma palavra e, sobretudo, nossa presença com tudo o que somos, para que o outro se sinta acolhido, amado e importante para alguém.

Assim como Jesus deixou-se “incomodar”, parou para se encontrar com as pessoas, para olhá-las com compreensão, compaixão, para partilhar e lhes falar da gratuidade do amor de Deus por todos, especialmente pelos “rotulados” e pelos marginalizados.

Nós também, Filhas da Caridade, vivemos no quotidiano o encontro com Deus, na Comunidade e no serviço dos pobres. Cada encontro é para nós uma ocasião *para descobrir o Cristo nos pobres e os pobres em Cristo*. É uma oportunidade para criar uma relação, para acolher o outro, para dar-lhes esperança. Os Evangelhos nos mostram numerosos exemplos, por isso, vamos considerar brevemente alguns deles.

Pensemos no encontro de Jesus com Zaqueu. Jesus não vê um publicano, um homem rico e desonesto, mas vê em Zaqueu um “homem”, uma pessoa criada a imagem de Deus com a sua condição de pecador. Por outro lado, o próprio Zaqueu tem o desejo de encontrar Jesus. Ele é de baixa estatura... mas ultrapassa o limite da sua pequenez, subindo em um sicômoro! E Jesus entra em diálogo com ele, fazendo-nos compreender que cada encontro é uma descoberta do outro, é uma interação.

Apresentação do Tema: “Encontrar”

Outro encontro significativo de Jesus é com a pecadora. Novamente, ele não vê a prostituta, Ele vê uma mulher, uma pessoa e aprecia a sua gratuidade e seus gestos humanos. Jesus não rotula as pessoas, Ele desperta o humano em cada encontro, anunciando a misericórdia que se manifesta no perdão.

No caminho para Emaús, os dois discípulos falam entre si, desanimados e sem esperança. Jesus vai ao encontro, (se faz um com eles) mistura-se com eles, caminha com eles e faz arder os seus corações. Cada encontro autêntico inflama os corações e muda a vida!

O Evangelho de Marcos, no capítulo dois, fala de quatro homens de fé inteligente e criativa que permitem ao paralítico encontrar Jesus descobrindo o teto da casa. Um homem sozinho não teria conseguido satisfazer o desejo do paralítico, mas juntos conseguiram. Nossa vida fraterna não se assemelha à “atuação conjunta” destes quatro homens? Em Comunidade somos renovadas para nossa missão e habitadas por uma chama interior de caridade e de criatividade, fazemos tudo para permitir que os pobres encontrem Jesus mesmo onde isto pareça impossível.

Estou bem consciente que se encontrar durante este longo período de pandemia do covid-19 foi e continua sendo difícil, por vezes, mesmo impossível. É verdade que a tecnologia, com os “encontros virtuais”, nos ajudaram a manter contatos, mas não nos permitiu que nos encontrássemos no sentido mais profundo da palavra. É precisamente nesta situação, que nós redescobrimos o quanto são importantes as relações feitas de escuta, de fraternidade, de proximidade, de olhares que compreendem, de mãos que tocam para curar ou para fazer-se próximo. De fato, como diz o Papa Francisco, para viver um verdadeiro encontro, é preciso “*gastar a sola dos sapatos*”, [...] *se não nos abrimos ao encontro, permanecemos espectadores externos[...] para conhecer, é preciso encontrar, permitir à pessoa que tenho à minha frente que me fale, deixar, que o seu testemunho chegue até mim*” (mensagem do Papa Francisco para o LV dia mundial das comunicações sociais, 23.01.2021).

Queridas Irmãs, desejo a todas e a mim mesma, que, onde quer que estejamos, corramos riscos e ousemos sair ao encontro como fez Maria após a Anunciação.

Maria sai “apressadamente” pela porta... é a pressa do encontro e do serviço, é a pressa de quem deseja anunciar o Cristo presente nela.

Maria vai ao encontro de Isabel com audácia e coragem. Mulher forte, ela enfrenta sozinha uma longa viagem cheia de perigos.

Maria encontra Isabel... É a alegria do encontro, não de um encontro casual, mas querido pelo próprio Deus. É o encontro de duas mães, visitadas e enviadas por Deus para responder ao seu projeto de amor.

Sigamos, nós também, os passos de Maria, para poder “encontrar” e servir cada pessoa que o Senhor coloca no nosso caminho... Então sim, sentiremos o nosso coração arder e seremos uma bênção para os pobres, para a Igreja e para a Companhia. Este é o meu desejo!

Neste momento, Ir Rochelie, originária da Província Santa Luísa de Marillac - Ásia, vai nos apresentar o seu encontro com Deus em meio à escuridão, no campo de refugiados durante uma guerra na ilha de Mindanao, Filipinas.

Irmã Luisa FARRI
Filha da Caridade

Assembleia Geral 2021

Experiência de uma Irmã das Filipinas

Deus em meio à escuridão

A escuridão...

Em 23 de maio de 2017, uma guerra que durará cinco meses foi declarada no Marawi entre as forças armadas filipinas e uma aliança de grupos rebeldes do Estado Islâmico e combatentes estrangeiros. Marawi, na ilha meridional de Mindanao, é oficialmente chamada a Cidade Islâmica de Marawi, a maior cidade muçulmana das Filipinas e predominantemente católica. Os intensos combates e bombardeamentos aéreos deixaram cerca de 300 000 pessoas desabrigadas. Aproximadamente 200 000 dos deslocados foram para campos de refugiados... na sua maioria mulheres e crianças cujos pais, maridos e irmãos foram mortos ou levados pelos rebeldes e forçados a tornar-se soldados do Estado Islâmico.

No coração da obscuridade...

A Universidade Estadual de Mindanao no Marawi tem 45.990 estudantes, dos quais cerca de 10% são cristãos. Uma Comunidade local de quatro Irmãs é inserida na universidade para apoiar e acompanhar os estudantes cristãos. As Irmãs foram obrigadas a abandonar a área para garantir a segurança dos estudantes que se recusaram partir sem elas. Fiz parte do primeiro grupo de quatro Irmãs enviadas pela Província, para o campo de refugiados.

A graça que transforma tudo...

Eu cresci vendo, ouvindo e presenciando o conflito e a violência entre cristãos e muçulmanos. Conforme eu crescia, ouvia também dizer para me manter afastada dos muçulmanos... que eu não devia fazer amizade com eles. Fui para Marawi, certamente como Filha da Caridade, mas levando comigo medos, desconfianças e preconceitos que eram o resultado da minha história

peçoal. Fomos aconselhadas a vestir roupas civis para não chamarmos a atenção, passarmos desapercibidas e assim facilitar o deslocamento pelos cinco campos de refugiados, mas após uma reflexão profunda sobre o assunto, escolhemos vestir o hábito... a fim de que pudéssemos ser facilmente identificadas, abordadas quando uma ajuda fosse necessária.

Fiquei com muito medo diante da insegurança durante a minha primeira visita, pressionada por todos os lados pelas pessoas, sempre consciente de que podíamos ser atacadas e sequestradas a qualquer momento. Mas à medida que os dias avançavam e que começamos a compartilhar histórias, a sentarmos juntos, olhando uns para os outros, uma certa familiaridade reconfortante começou a marcar as nossas conversas. Houve momentos em que todas as diferenças, todas as cicatrizes históricas, religiosas e culturais que nos separavam se dissiparam face a uma humanidade compartilhada: todos tínhamos medo, todos nós nos sentíamos em perigo, todos tínhamos o mesmo Deus, embora nós o chamássemos por nomes diferentes. Os homens, mulheres e crianças nos campos sofreram perdas das quais nunca se recuperarão: sem casa, sem futuro e com perdas de pessoas queridas. Tive vergonha da minha angústia diante da sua dor e desolação.

O encontro que resgata

No espaço de um mês, passamos de inimigos e estranhos a amigos e irmãos. Nunca pensei que chegaria o dia em que confiaria a minha vida e a minha segurança nas mãos de pessoas as quais fui ensinada desde pequena a desconfiar. Mas, ao longo das nossas visitas aos vários campos, os nossos amigos e guias muçulmanos protegeram-nos arriscando as suas vidas; conduzindo-nos por estradas e caminhos desconhecidos até aos outros campos para evitar o encontro com os rebeldes. Ensinaram-nos quando devemos ficar paradas e em silêncio e quando devemos sentir-nos seguras.

Fui ao Marawi acreditando que ofereceria algo... voltei do Marawi mais rica do que nunca, tendo recebido tanto dos meus amigos muçulmanos. A minha experiência em Marawi ensinou-me que a luz e o amor de Deus brilham em meio á escuridão, que a graça transforma tudo e quando nos abrimos aos encontros, recebemos a redenção.

D

Ter um coração fraterno e purificado no dia a dia

Desafio da mística do viver juntas

O Papa João Paulo II dizia aos jovens no Parque dos príncipes em Paris, em 1980: “o coração é abertura de todo o ser à existência dos outros, a capacidade de os adivinhar, de os compreender. Uma tal sensibilidade, verdadeira e profunda, torna-nos vulneráveis. É por isso que alguns são tentados a desfazer-se dela. Amar é pois essencialmente dar-se aos outros”

Nossas vidas são feitas de amor, somos chamadas a ser, em nome de Cristo, artesãs da paz e da fraternidade para que todos possam reconhecer que a verdade que salva não se encontra nem no ouro, nem no dinheiro, mas na criança de Belém. É esta criança que inaugura a única revolução verdadeira: a do amor.

Atualmente, a situação mundial do coronavírus parece mais clemente e nos permite avaliar-nos “de verdade” como dizem as crianças, de “nos parecer”, de comungar da felicidade simples de ser uns com os outros. Portanto, não devemos esquecer de tudo o que vivenciamos durante os períodos de “confinamento geral”, todas as ações de solidariedade e de colaboração para socorrer os pobres, toda criatividade desenvolvida para eliminar

o vírus, de uma maneira ou de outra, todas as barreiras que foram colocadas e nos afastava uns dos outros.

A fraternidade vivida nas Comunidades, durante este período de pandemia, permanece uma interpelação para revermos hoje e sempre a dimensão fraterna da nossa vocação e fazer tudo para “cuidar” das nossas Irmãs. Estes testemunhos, pérolas evangélicas de fraternidade da vida cotidiana, são recolhidos neste número, assim como nos próximos Ecos, eles serão classificados na rubrica intitulada: “Desafio da mística do viver juntas”. É uma força encorajadora para cada uma de nós, para ser feliz hoje, para poder amar as nossas Irmãs suavemente, em silêncio, naquilo que nos é oferecido para viver e para nos entregarmos a Ele com confiança e entusiasmo porque “é pelo amor que teremos uns pelos outros que o mundo nos reconhecerá como discípulos de Cristo”.

COMISSÃO DOS ECOS

Província dos Camarões

A fraternidade, uma diversidade compartilhada

Um escritor espiritual, Jean-Pierre de Caussade, autor do “Abandono à Divina Providência”, aconselha de viver o momento presente, de aceitar os obstáculos com amor e humildade e de nos unir a Deus no dia a dia. Ele afirma também que todo acontecimento expressa, de uma certa maneira, a vontade de Deus que deseja fazer tudo para ajudar aqueles e aquelas que o ama.

Certas de que Deus “não quer” o mal representado pelo exemplo de uma pandemia, mas Deus pode permitir para que possamos aprender algumas lições.

Esta pandemia mundial de Covid-19 nos colocou em uma situação inédita de dificuldades e dramas, de maneira global, e nossos projetos de vida se encontram desestabilizados. Esta ameaça generalizada desafia a evidência que o nosso sistema de vida tem tomado como certa. Estamos dolorosamente conscientes deste paradoxo inimaginável: para sobreviver devemos nos isolar uns dos outros. No entanto, à medida que aprendemos a viver isolados uns dos outros, tornamo-nos mais conscientes do quanto é essencial, na nossa vida, conviver com outros.

Na urgência, esta crise fez também um apelo à solidariedade, à cooperação e à unidade. Nas nossas Comunidades, no trabalho, nas cidades e nos povoados e, mesmo através do mundo, a entreatajuda organizada, os gestos e as ações de solidariedade se multiplicam. Neste contexto, devemos dedicar uma atenção especial aos que são mais frágeis: as pessoas idosas, os deficientes, os prisioneiros, os deslocados...

A Comunidade de Fouban, composta por cinco Irmãs, encontra-se no oeste dos Camarões, no departamento de Noun. No início da pandemia,

Ecos da Companhia

as Irmãs estavam presentes no Centro Médico de Kuéka, assegurando a pastoral paroquial, a educação das crianças deficientes e, com a Família Vicentina, trabalhando a serviço das pessoas idosas, das pessoas deslocadas e dos prisioneiros.

Eis que esta doença extremamente grave apareceu de maneira inesperada na nossa cidade de Foumban, todos ficaram em pânico. Na Comunidade, tomamos providências para lidar com esta pandemia, continuando simultaneamente o nosso serviço aos pobres no hospital, na vizinhança, na paróquia e na prisão.

Os serviços foram reorganizados, no Centro Médico de Kuéka, os costumes tiveram de ser alterados e medidas de proteção adotadas. O Centro teve de contratar funcionários suplementares para acolher os pacientes que chegavam, distribuir máscaras, álcool gel e estabelecer pontos de água para a lavagem das mãos. Os equipamentos contra a pandemia (máscaras, gel, oxigênio...) foram reforçados no laboratório e na ala hospitalar.

Juntas, com coragem e confiança em Deus, estamos comprometidas em acolher os doentes na nossa estrutura hospitalar. Passamos em todas as enfermarias em companhia de um Padre Lazarista para rezar e depositar a Medalha Milagrosa em todos os leitos, mesmo se a maioria da população é muçulmana. (Os Camarões têm aproximadamente cinco milhões de muçulmanos e Foumban é o berço do Islão). E, todos juntos, rezamos a Deus.

Cartazes, explicando os gestos de barreiras a serem respeitados, foram colados em todos os lugares e as mensagens na rádio e na televisão, assim como as palavras do nosso Bispo, ajudaram à população a tomar consciência da gravidade da situação.

O Sutão, Rei de Bamoun e Senador da república, nos pediram para respeitar escrupulosamente os gestos de medidas prescritas pelo Governo, para evitar todas as reuniões a fim de limitar os contatos que contribuem para a transmissão comunitária da doença. Foi pedido também para fechar as portas das mesquitas, das igrejas e dos templos protestantes e que cada um continue a rezar em suas casas, para implorar a proteção de Deus para a humanidade contra o Covid-19 e o estabelecimento da paz em todo o mundo, especialmente nos Camarões para ampliarmos a política de coabitação pacífica entre as religiões monoteístas em Noun.

A paróquia teve de suspender todas as atividades e cerimônias, a educação infantil, ensino fundamental paroquial foram encerrados. Que

Desafio da “mística do viver juntas”

tristeza e desolação tanto para os cristãos quanto para os muçulmanos. Felizmente, todos os dias o pároco vinha discretamente à Comunidade para celebrar a Eucaristia e, desta forma, pudemos continuar distribuindo a comunhão aos doentes a domicílio. Ao mesmo tempo, levamos alimentos, medicamentos e outros produtos para as pessoas idosas, crianças deficientes, prisioneiros e pessoas deslocadas.

No Centro Médico, durante este período de pandemia até os dias atuais, acolhemos e realizamos testes em 920 pessoas, das quais 205 foram positivas, 15 foram hospitalizadas, 187 foram tratadas no ambulatório e três faleceram. Recebemos várias ajudas financeiras, materiais e espirituais da parte da Província, da Casa Mãe, de uma ONG (Manos Unidas), do projeto de sobrevivência dos Camarões, de Ricover, do Sultão, Rei de Bamoun e de Mgr Kleda, Arcebispo de Douala e fitoterapeuta. Este último consagrou o país sob a proteção da Virgem Maria e preparou, de acordo com os seus conhecimentos, duas receitas à base de plantas medicinais para tratar os sintomas do Coronavírus. Todos os doentes que tinham tomado estes medicamentos tradicionais, denominados Adsak Covid e elixir Covid-19, foram curados.

Dois soluções fitoterapêuticas contra o Covid-19: elixir Covid-19 e Adsak Covid

Nos Camarões estes dois tratamentos fitoterapêuticos, propostos pelo Bispo Kleda, foram oferecidos gratuitamente para os católicos de Douala, de Yaoundé, de Bafoussam e do nosso Centro Médico em uma dezena de formações sobre saúde. No final de janeiro de 2021, o tratamento já tinha trazido alívio a mais de 10 000 pacientes. Desde então estes remédios foram autorizados pelo governo como “complemento ao tratamento” para esta doença pandêmica.

Já fomos capazes de tratar mais de 750 pacientes com este medicamento à base de plantas. Agradecemos a Deus por este presente ao Bispo Kleda e também rezamos por Ele e por todos os nossos benfeitores, especialmente por tudo o que o grupo “Nescafé” tem feito pelo pessoal de enfermagem.

“O Covid 19 exorta-nos a aprender lições desta pandemia: em primeiro lugar, que a humanidade não tem fronteiras e, em segundo lugar, que devemos estar conscientes da fragilidade da vida. A partir desta difícil situação, citamos oito pontos:

- A fragilidade do ser humano;
- A pertença à família humana: além das fronteiras e das etnias, somos iguais, criados à imagem e semelhança de Deus;
- Não somos mestres do nosso destino, não temos controle absoluto sobre as coisas;
- A exclusão é um sofrimento para todos. Precisamos continuar sendo gentis uns com os outros, qualquer que seja a sua situação.
- Deus é o mestre das nossas vidas, nos convida a ter fé, a ter confiança diante das travessias das tempestades. O amor e a fé afastam o medo.
- A importância da oração de súplica e de intercessão por todos aqueles que sofrem e de nos colocarmos sobre a proteção do Deus misericordioso.
- A vaidade de nossas vidas. Esta crise sanitária nos lembra o que é verdadeiramente importante na nossa vida.
- A esperança de que a vida em Deus é mais forte do que a morte: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”. (Jo 11, 25-26)

Contemplando o sofrimento e a solidariedade de Jesus com cada um de nós, aprendemos como viver cada dia na confiança em Deus. Fortalecidas do seu amor, nos esforçamos para nos converter a fim de exercer relações mais humanas com os outros e servir sempre melhor os mais pobres. “Nossas orações não são fórmulas mágicas” dizia Dom Beschi, Bispo de Bérgamo (Itália). A fé em Deus não resolve magicamente os nossos problemas, mas, nos dá força interior para nos colocar a serviço dos irmãos e irmãs sofredores.

Mesmo se nós não partilhemos a mesma fé, cada um pode tirar o melhor destes testemunhos de fraternidade universal. Uma humanidade que trabalha em conjunto para fazer valer a pena viver recebe a nossa gratidão, ela é sinal que o amor de Deus está bem presente entre nós.

Província do Próximo Oriente

Todos irmãos

A Encíclica Fratelli Tutti nos introduz em um desejo universal de viver em fraternidade com todos, reconhecendo a dignidade de cada ser humano.

“Precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente...” (n° 8).

Neste período do Covid-19, muitas famílias, empresas e mesmo regiões inteiras estão sofrendo com o isolamento, separação, luto. As nossas Comunidades também não estão imunes a estas dificuldades. Muitas Irmãs perderam membros da família e não puderam acompanhá-los ao seu local de descanso final. Assim, desde o primeiro momento em que as medidas de saúde foram abrandadas, as Irmãs da Terra Santa juntaram-se às de Jerusalém para unir as nossas orações por todos os falecidos das nossas famílias e das nossas Comunidades. Apesar do sofrimento destes lutos, ficamos verdadeiramente felizes por nos encontrarmos novamente.

“Queremos ser uma Igreja que serve... para acompanhar a vida, sustentar a esperança...” (n° 276).

Um dia, em fevereiro, um jovem casal chegou ao hospital para o nascimento do seu primeiro filho. O pai, de origem árabe-israelita, e a mãe, americana, tinham vivido em Israel durante um curto período de tempo. O parto foi complicado e a vida da criança estava em perigo. Imediatamente,

toda a equipe médica se uniu para salvar a vida da criança, mas a criança corria o risco de ficar gravemente incapacitada para o resto da sua vida. Toda a comunidade começou a rezar e foi-me pedido para acompanhar espiritualmente os pais, especialmente a mãe que só falava inglês. Assim, durante um mês, partilhamos as suas dificuldades e as suas preocupações com a covid-19 que está muito presente no país, partilhamos também a nossa fé e a nossa oração.

Aos poucos, a saúde do pequeno Ângelo melhorou e um mês depois, ele pôde sair do hospital. Desde então, temos continuado a falar ao telefone e prometemos visitá-los quando o seu bebê estiver um pouco mais forte.

“Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade” (nº 8).

Como vários hospitais no país, o nosso hospital abriu uma ala especial para crianças e mães com Covid-19.

No entanto, o vírus também afetou a ala geriátrica e esta foi submetida a um rigoroso confinamento. Muitos funcionários testados positivos foram colocados em quarentena. Esta ausência proporcionou uma tensão sobre o trabalho do pessoal de enfermagem. Assim, a direção do hospital apelou todos os funcionários para que enfrentassem esta grande crise de saúde e continuasse a prestar cuidados na ala geriátrica. Os voluntários foram mobilizados. Para além de prestarem cuidados, tentaram combater o clima de ansiedade criado por esta pandemia, fazendo tudo o que podiam para apoiar os doentes e as suas famílias. Admiramos todos estes gestos de solidariedade apesar do medo de contaminação com consequências nocivas para a sua saúde e agradecemos a Deus por tanta dedicação e generosidade.

Comunidade do Hospital de Nazaré

Província de Cali

Uma experiência comunitária em tempo de pandemia

A Comunidade de obra social “Santa Luísa” de Circasia é situada no departamento de Quindío, no centro da Colômbia.

Somos cinco Irmãs, as duas mais novas são engajadas no serviço da educação, as outras, de idades entre 75 a 83 anos, ajudam nos serviços da Casa e acompanham os grupos da Família Vicentina, dão formação no ensino fundamental para as crianças pobres da Casa da criança do município e trabalham na promoção das mães.

Durante a pandemia, as duas Irmãs não puderam mais ir à escola e foi preciso criar uma forma de viver juntas. Depois de um tempo de desânimo, organizamos um plano de atividades dedicado ao trabalho doméstico, a preparação das refeições e atividades pessoais. À tarde, decidimos unir-nos ao sofrimento da população, cujas notícias eram cada vez mais alarmantes. Colocamos um grande cartaz na janela exterior da nossa capela, que fica do lado da rua, com estas palavras: **“Você não está sozinho, aqui o acompanhamos com a nossa oração. Obrigado por nos deixar as suas intenções”**. Ao lado do cartaz havia um cesto com um lápis e pequenos papéis nos quais as pessoas puderam escrever as suas intenções. Todos os dias nós as líamos, colocávamos aos pés da Virgem e rezávamos o Terço da Misericórdia, às 15 horas, por estas intenções.

Organizamos também uma hora de exercícios físicos oferecidos pela internet por um fisioterapeuta do México, com quem fizemos amizade.

As duas irmãs professoras ensinaram as mais idosas como utilizar as redes sociais, plataformas e outras ferramentas, o que lhes permitiu unirem-se às pessoas dos grupos da Família Vicentina que acompanhavam. Tornou-se uma experiência muito rica para todas elas.

Aproveitamos também estas redes sociais para conhecer os lugares católicos: um congresso dirigido pelo Padre Miguel Guerra do México: “Restaura-me”, encontros com o Padre Pedro Justo Berrio, um padre colombiano. Isto ajudou-nos a viver melhor juntas. Finalmente, inscrevemo-nos para um curso de artesanato gratuito na Internet.

Tornamo-nos mais conscientes da complexidade do nosso ser humano e aprendemos a aceitar-nos melhor como somos, a ter uma vida comunitária mais serena.

Nós não somos a soma das nossas dificuldades e falências; constituímos a soma do amor do Pai por nós e da nossa capacidade concreta de nos tornarmos imagem do seu Filho” (Homilia da Missa de encerramento da XVII Jornada Mundial da Juventude, Papa João Paulo II, 28 de julho de 2002).

Hoje, compreendemos melhor a importância de aproveitar tudo o que é oferecido na internet para aprender a ser mais humana porque, para sermos mulheres de esperança, devemos primeiro desenvolver a nossa humanidade e colocar a serviço da vida comunitária todas as nossas energias e ferramentas que temos em nossas mãos.

Sim *“a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna”* (Fratelli Tutti, 55).

Irmã Maria NORBEY GUTIÉRREZ
e a COMUNIDADE DE CIRCASIA

A

Atualidades da Província

Província da Cracóvia “Nunca mais a Guerra!”

São João Paulo II

Os acontecimentos da vida, felizes ou dolorosos, transformam sempre a nossa história: o nascimento de uma criança, a morte de um parente, assumir um cargo de grande responsabilidade como foi o caso, por exemplo, de João Paulo II no dia de sua nomeação, em 16 de outubro de 1978, mas também para nós no dia da nossa entrada na Companhia ou quando pronunciamos os votos pela primeira vez... mas, acontece que estes acontecimentos transformam a história de todo um povo.

24 de fevereiro de 2022

Na história da Ucrânia, o dia 20 de fevereiro de 2014 tinha sido chamado “quinta-feira negra” em razão das tragédias que aconteceram neste dia. Porém, uma outra quinta-feira ficou inscrita na sua história: 24 de fevereiro de 2022. Naquela manhã, os habitantes acordaram com o toque do celular que anunciava uma mensagem: “agora começa! o círculo está fechado”. Quase todos os aeroportos da Ucrânia estavam sendo incendiados, postos militares bombardeados, em Podilsk, a 25 km de Balta. E a rádio anunciava as primeiras vítimas deste conflito armado. Todos estão em pânico, é preciso partir e fazer as malas em meia hora. Ao partir, olhavam a sua casa, talvez pela última vez.

Hoje, completando 35 dias da guerra, sabemos que aqueles que escolheram se esconder nos porões ou nos abrigos, tiveram que fugir após três semanas para proteger seus filhos.

Missão da Caridade

Durante este período difícil e incerto, as Irmãs das quatro Comunidades da Ucrânia quiseram permanecer na cidade para ajudar os pobres. No entanto, por medida de segurança, foi decidido que as Irmãs de Balta e de Odessa mudariam para o Oeste do país.

O que surpreende o mundo inteiro é a força e a união do povo ucraniano. O que nenhum governo conseguiu realizar, durante os últimos 30 anos de independência do país, a entrada do exército russo e a guerra conseguiram fazer. Sem hesitar, o povo ucraniano se uniu contra os invasores e alguns se comprometeram a defender o seu país, outros a retirarem os habitantes, a cuidar deles, a colocá-los em segurança.

Nos primeiros dias da guerra, de cada lado da fronteira, havia longas filas de espera: alguns para deixar o país, outros para retornar ao país para defender a sua pátria.

Como Filhas da Caridade tentamos responder às necessidades mais urgentes: de início organizar a viagem das pessoas que, depois de fugir das regiões mais ameaçadas, ficavam alguns dias em Śniatyń antes de partir para a Polónia. Cada dia, chegavam vários pedidos de diferentes lugares do país e, nós, organizamos o transporte das mulheres, das crianças e das pessoas idosas em direção a fronteira.

Na fronteira, recebemos toda a ajuda arrecadada na Polónia (pela Província, MISEVI, Caritas...) e transportamos estes alimentos, medicamentos, produtos de higiene e outros produtos para Sniatyn.

Entre os muitos refugiados, que se instalam em Śniatyń e Starożyniec, muitos precisam de ajuda. Os voluntários levam o que eles precisam, como também para os soldados e os que permanecem nos campos de batalha. Preparamos cestas básicas para enviar às famílias das crianças que servíamos em Balta.

Na Comunidade de Śniatyń, as Irmãs continuam as visitas domiciliares aos idosos e isolados, e trabalham no Jardim de Infância onde acolhem muitas crianças pequenas que juntamente com os seus pais fugiram do leste da Ucrânia.

Em Srtarozyniec, as Irmãs continuam a cozinhar para os pobres. Todos os dias confiamos a Deus o povo ucraniano, os soldados, os cuidadores, os sacerdotes e Lhe agradecemos por todos os benfeitores, as famílias que

Testemunho das irmãs

acolhem os refugiados, os voluntários que dão o seu tempo para apoiar os seus irmãos que passam necessidades.

A oração é a nossa arma e nós “lutamos” com ela todos os dias. Oferecemos medalhas e rosários aos soldados e as pessoas que estão empenhados na defesa do país. Frequentemente vamos rezar no túmulo da Bem-aventurada Marta Wiecka, a chamada “Pequena Mãe”, e lá encontramos sempre pessoas ou grupos que vão pedir a sua intercessão.

A fronteira

Após o ataque à central nuclear de Energodar (Zaporijia), muitas pessoas mudaram-se para o oeste do país. No dia 5 de março, trouxemos um grande grupo de refugiados para a fronteira polonesa. Já tínhamos estado lá várias vezes, mas, nesse dia, algumas mães tiveram que caminhar mais de 12 km com os seus filhos pequenos antes de poderem atravessar a fronteira. Conseguimos continuar dirigindo até o primeiro posto de controle onde havia uma fila de aproximadamente 500 pessoas. Após este primeiro controle, o motorista do carro pôde continuar, mas tivemos que prosseguir a pé. No segundo controle, havia novamente uma fila de mais de 500 pessoas. Finalmente, conseguimos passar e depois encontramos o nosso motorista que nos esperava com o carro. Então, um voluntário aproximou-se de nós e pediu-nos para levarmos uma mulher idosa, deficiente, que andava muito mal com uma bengala e o seu marido que levava nas costas dois fardos amarrados uns aos outros: dois pequenos lençóis como único tesouro. Nós os colocamos no nosso carro, mesmo que já estivesse bastante cheio.

No caminho, conhecemos os novos passageiros: a Sra. Natasza e o Sr. Andrij que decidiram deixar a sua casa em Kiev há três dias e já fazia um dia que não tinham se alimentado.

Quando chegamos à fronteira, descobrimos que tínhamos que ficar novamente na fila, que era ainda mais longa do que as duas anteriores, colocadas juntas. A noite estava se aproximando, estava frio. Eu sei que este casal não era capaz de ficar em pé durante horas. Por isso, levei-os diretamente ao posto fronteiriço e mesmo que não seja muito longe, levou muito tempo para chegarmos lá. Essa difícil viagem é para mim uma bela lição de amor: este marido apoiava a sua esposa deficiente e fraca, tanto quanto possível e, encorajava-a suavemente. E o Sr. Andrij não deixou que eu o ajudasse com a sua bagagem. Finalmente, chegamos à fronteira. Que alívio! Antes de

me despedir deles, dei-lhes algumas provisões para o resto da sua viagem e encontrei-me com o meu grupo de mães com os seus filhos.

Estes planos de evacuação de civis para áreas menos perigosas são experiências ricas de fraternidade e solidariedade, mas também de sofrimento, esgotamento e até mesmo alguns chegam a desmaiar. Os socorristas sem fronteiras fazem tudo o que podem, porém, a falta de medicamentos e, especialmente, a barreira linguística nem sempre são fáceis de ultrapassar. Como podem saber se a perda de consciência é devida a uma doença grave? Na maioria das vezes é o resultado da exaustão e um pouco de chá quente, chocolate ou algum movimento ajudam as pessoas a se recuperarem. Nos casos mais graves são os bombeiros que assumem a situação.

Para as crianças doentes ou autistas, isto é mais difícil, eles têm uma tenda separada, mais calma, onde podem ficar com as suas mães.

Nas filas, para não perderem o seu lugar, as pessoas evitam dizer quando se sentem doentes. Foi assim que os bombeiros levaram uma mãe vietnamita de Kiev, que se encontrava num estado preocupante, porque não tinha comido o suficiente. Incapaz de atravessar a fronteira, o seu filho ajudou os voluntários que distribuíam comida e bebida aos necessitados.

Significado das palavras

Em situações tão difíceis, as pessoas olham para as suas vidas de forma diferente e as palavras comuns adquirem um significado diferente. A palavra “guerra” tornou-se tão concreta que nos enche de medo e de sofrimento. A palavra “silêncio” não significa que não há bombardeamentos ou alarmes, mas significa que um “ente querido está vivo”.

Longe e, portanto, perto

Hoje o mundo sabe onde fica a Ucrânia e conhece cidades ucranianas como Mariupol, Kharkiv, Irpin, Chernihiv. As pessoas que acolhem refugiados aprendem os nomes das cidades de onde elas vêm, de onde deixaram tudo e para onde querem regressar no primeiro dia após a vitória da Ucrânia.

Milhões de ucranianos que vivem ao ritmo dos alarmes dizem que vivem o inferno nas cidades de Okhtyrka, Izum, Butcha, Hostomel, Severodonetsk, Kramatorsk, Enerгодар, Trostyanets, Nijyn... e de Mariupol...

O “Gólgota” da Ucrânia

Os dias se passam e os dramas se acumulam. Eis alguns entre tantos outros:

Quando as bombas caem, uma mãe entra despercebidamente no jardim para enterrar a sua filha debaixo de uma árvore, depois retorna para o abrigo onde o seu filho mais novo, gravemente ferido, está a sua espera.

Uma mulher é violentada na frente do seu marido e logo após, presencia a morte do marido a queima-roupa por ter sido julgado demasiado nacionalista.

Uma jovem mulher, que casou-se no primeiro dia da guerra, tem o olhar fixo na tampa do caixão que se fecha sobre o rosto do seu marido que acaba de morrer.

No primeiro dia da guerra, uma jovem família tinha vindo visitar os seus pais idosos. Tiveram uma consulta no hospital e regressando encontraram a sua casa bombardeada e os seus filhos e netos enterrados debaixo dos escombros.

Enquanto o alarme de ataque aéreo toca... uma jovem grávida corre para se proteger. Um tiro é disparado.... ela cai e morre no local.

A Ressurreição

Depois do Gólgota em Jerusalém, houve a Ressurreição, Jesus foi para a Galileia. Esta é a esperança de toda a população ucraniana.

Irmã Halina LUPTOWICZ
Filha da Caridade

Província da Cracóvia

“Eu era estrangeiro e vocês me acolheram”

Quantas vezes lemos com emoção os testemunhos de nossas Irmãs de todo o mundo descrevendo a situação dos refugiados, forçados a fugir dos seus países por causa de conflitos militares ou perseguições religiosas... mas, nunca imaginamos que de repente nos encontraríamos na mesma situação e veríamos inúmeras pessoas obrigadas a deixar a sua pátria, a sua casa, a sua segurança... Muitos ucranianos chegam, todos os dias, a Cracóvia.

As primeiras famílias ucranianas foram recebidas no dia 28 de fevereiro de 2022 na Casa Provincial de Cracóvia, e instalaram-se nos quartos que são normalmente destinados a hóspedes ou pessoas de passagem. Porém, todos os dias o seu número aumentava. Como a Casa Provincial se situa em frente da principal estação ferroviária, os voluntários da Caritas trouxeram-nos as mães com filhos, mesmo se elas estivessem planejando ir para algum lugar mais longe. Isto permitiu-lhes recuperar as suas forças durante alguns dias. Preparamos dois grandes dormitórios que foram rapidamente preenchidos e organizamos um terceiro grande quarto para elas. Outras comunidades vizinhas também acolheram várias famílias que não tinham para onde ir.

Perguntamo-nos como é possível fazer uma viagem tão longa com crianças pequenas, bagagem... e a consciência de deixar tudo para trás.

As pessoas de passagem, que ficam na Casa Provincial, fazem lá as suas refeições, exceto o almoço, que é oferecido na Comunidade vizinha. As crianças vão para o Centro Residencial administrado pelas nossas Irmãs.

Testemunho das irmãs

Várias Filhas da Caridade e duas voluntárias ucranianas estão a serviço destas Famílias.

A Casa Provincial de Cracóvia continua acolhendo refugiados que desejam parar antes de seguir em frente, mas atualmente há menos refugiados.

No total, as 14 Comunidades da Província acolhem nas suas casas quase 150 ucranianos, incluindo 7 famílias (17 pessoas) na Casa Provincial, principalmente mães com os seus filhos, mas também adultos e pessoas idosas.

Cada Comunidade acompanha estas famílias a fim de obter os documentos necessários para permanecer na Polónia. As crianças ucranianas frequentam diferentes escolas, 39 delas estão nas creches das Filhas da Caridade. Alguns adultos já encontraram empregos e, se o seu estado de saúde o exigir, recebem cuidados médicos.

Estamos gratas a todos aqueles que nos ajudam material e espiritualmente para assegurar este acolhimento, tanto na Polónia como com as nossas irmãs na Ucrânia. Que o Senhor nos conceda a paz e amenize todo este sofrimento.

Irmã Monika DŁUBACZ
Filha da Caridade

*Em preparação ao 30º aniversário de martírio
da Bem-aventurada Lindalva Justo de Oliveira*

A breve vida da Irmã Lindalva

Introdução

“É assim evidente que todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (Lumen Gentium, n. 40).

Dentre aqueles que se decidem a seguir o Cristo, alguns se destacam pela radicalidade de sua entrega e fidelidade do seu amor. São homens e mulheres que, ao encontrarem o Senhor e descobrirem sua vontade, não retêm mais nada para si, nem mesmo a própria vida. A Igreja os apresenta como modelos de seguimento de Jesus; como fontes de inspiração para nós, que buscamos continuar a missão do Filho de Deus; como exemplos de virtudes e ações proféticas que fazem acontecer o Reino de Deus em nossa realidade.

Muito mais significativo do que multiplicar orações e devoções aos santos e santas, é contemplar suas vidas e obras, deixando-nos inspirar por eles no hoje de nossa história, a fim de atualizar o anúncio da Boa Nova de Jesus, em fidelidade ao que o Espírito suscita em nossos corações, a partir do confronto com as necessidades dos pobres e a realidade em que estamos inseridos. *“Fixando neles nosso olhar e sentindo-nos unidos*



História
da
Companhia

A breve vida da Irmã Lindalva

a eles, [...] aprenderemos de que modo podemos e devemos realizar o que Cristo nos ensinou e praticar o que ele pregou”⁴.

No contexto da Família Vicentina, reconhecemos a presença de muitos Leigos e Leigas, Irmãos, Padres e Irmãos que, na vivência de sua vocação específica, foram apresentados pela Igreja como modelos de santidade para aqueles que se sentem chamados a seguir Jesus segundo o carisma de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. A variedade de vocações específicas, a diversidade de experiências apostólicas e as diferenças de épocas e realidades sociais em que viveram fazem desses modelos de santidade vicentina uma fonte de riqueza espiritual e uma inesgotável inspiração missionária para nós. Suas vidas devem ser relidas à luz dos valores evangélicos e vicentinos que cultivaram, em atenção aos apelos da realidade.

A Companhia das Filhas da Caridade celebrou nos últimos 6 anos, a beatificação de quatro de suas Irmãs, sendo 2 mártires. E, ainda no ano de 2013, teve a beatificação de 27 Irmãs espanholas, consideradas mártires na guerra civil espanhola. Muito poderia ser dito sobre a finalidade e a necessidade dos processos de canonização dos quais a beatificação é uma etapa. No entanto, consideramos mais importante refletir sobre como, para além do reconhecimento “oficial” da Igreja, esses irmãos e irmãs que nos precederam na vivência do carisma vicentino podem ser, ainda hoje, inspiração na vivência de nossa vocação, em especial no serviço dos pobres. A Bem-aventurada Lindalva Justo de Oliveira representa a cultura brasileira e a forma como o carisma vicentino está inculturado em nossas terras. Sua doação a Cristo no serviço alegre e incansável aos pobres foi marcada pela entrega de sua vida, entrega reconhecida pela Igreja como martírio. A fim de que sua beatificação cumpra seu papel, isto é, apresentar Lindalva como um modelo de vida cristã e consagrada, é necessário recuperar seu percurso histórico e alguns aspectos de sua personalidade que são sinais e estímulo para uma vida plena de sentido.

O nascimento e a juventude

Lindalva nasceu no dia 20 de outubro de 1953, no Sítio Malhada da Areia, na cidade de Açu, no Rio Grande do Norte. Seus pais, João e Maria Lúcia tiveram 13 filhos, dos quais ela foi a sexta. Seu batismo foi realizado

⁴ MOLINARI, P. Verbete. In: DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 1040.

no dia 7 de janeiro do ano seguinte, dia no qual celebramos, hoje, a sua memória litúrgica.

Sua família era pobre e foi alicerçada sobre as bases sólidas da fé cristã, do valor do trabalho e da união familiar. Assim sendo, não surpreenderá o fato de que, ao se tornar Filha da Caridade, Lindalva tenha dado testemunho de uma fé firme, de uma dedicação incansável no serviço aos idosos e de cordialidade na relação com suas Irmãs.

Os pais se preocuparam em educar os filhos na fé e em oferecer-lhes oportunidade de estudar. Lindalva aprendeu em casa a importância do estudo como qualificação para o serviço. Como Filha da Caridade, continuou a colocar em prática este valor aprendido na família. Frequentou, por exemplo, autoescola, para levar as Irmãs e os idosos aonde fosse necessário, e fez curso de catequese bíblica. *“As Irmãs estão convictas da necessidade de uma formação contínua, de um lado para melhor compreender sua vocação e seu significado na Igreja e no mundo, e de outro, para atualizar seus conhecimentos culturais e profissionais, sempre em vista de um melhor serviço”*⁵.

Desde pequena, mostrou-se responsável, disponível e solidária. Consciente dos esforços de seus pais para criar os filhos, Lindalva não queria causar-lhes a menor preocupação e estava sempre pronta em colaborar com a mãe nos afazeres domésticos e no cuidado dos irmãos menores. Ao contrário do que se pode imaginar, ela viveu como toda menina: gostava de brincar com bonecas de barro vestidas com retalhos.

*Na medida em que foi crescendo, “queria ficar bonita; então, sempre que podia, passava o tempo a escovar os cabelos e a maquiá-la com pó de arroz. As irmãs zombavam dela, chamando-a de “vaidozinha”. Ela, não só não reagia, como as exortava a se cuidarem e usarem um pouco de maquiagem para ficarem mais bonitas”*⁶.

Trabalho e colaboração parecem ter sido duas lições aprendidas em casa. Desde cedo, Lindalva começou a trabalhar como babá nas horas vagas, ou a ajudar àqueles que precisavam em situação de doença. Tudo isso porque tinha prazer em ajudar ou por amizade, revelando, assim, não só sua atenção às necessidades dos outros, como também sua disponibilidade para colaborar naquilo em que poderia ser útil.

⁵ Constituições das Filhas da Caridade, n. 58.

⁶ PASSARELLI, Gaetano. *Lindalva Justo de Oliveira: a bem-aventurada Filha da Caridade*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.22.

A breve vida da Irmã Lindalva

Tendo terminado os estudos, obteve o diploma de “assistente administrativa”. Trabalhou numa fábrica de roupas, como balconista em lojas de roupas femininas e caixa numa loja e num posto de gasolina. Do fruto de seu trabalho, pouco gastava consigo mesma, preferindo comprar coisas para os outros, especialmente para os membros da família do irmão, em sinal de gratidão pela hospitalidade que lhe era dispensada.

Sua juventude parece ter sido marcada por uma vida simples, familiar, dedicada ao estudo e ao trabalho, mas também pela presença de amigos com os quais costumava sair e ir à praia. Até aqui, sua vida é muito semelhante à vida de qualquer jovem brasileiro que busca firmar sua existência e dar um sentido à sua vida.

Lindalva viveu sua infância e adolescência como qualquer outra menina educada por uma família cristã. Portanto, um dia, confidenciou a uma amiga que, muitas vezes, não assistia televisão, preferindo usar este tempo para ler a Bíblia. Pouco a pouco vai descobrindo a beleza da vida. Mais tarde, ela vai descobrir a beleza do Cristo presente nos pobres que encantará seu coração e dará sentido à sua vida.

Discernimento e decisão vocacional

A casa de Lindalva é situada na periferia numa cidade em Natal no Rio Grande do Norte. Ela não esquecerá jamais dos seus vizinhos e, sempre que podia, levava roupas para as crianças.

Após a morte do pai, um encontro providencial com uma Filha da Caridade lançou a semente, semente que seria cultivada nas frequentes visitas que Lindalva fazia ao abrigo de idosos. *“Aquilo que até então tinha sido uma simples colaboração, um “voluntariado”, começou a ser um verdadeiro compromisso: terminado o dia de trabalho, ia ajudar as Irmãs no abrigo dos idosos ou simplesmente voltava para casa e se dedicava aos estudos, à leitura da Bíblia, a tocar violão. Tinha voltado a estudar; à noite, frequentava o curso de Enfermagem para o Lar, para obter não somente um simples diploma, mas também adquirir a idoneidade profissional que lhe permitiria cuidar dos necessitados com competência”*⁷.

A presença de Lindalva junto aos idosos era cheia de alegria e disponibilidade. Sua ternura, gentileza e prontidão em fazer o que era necessário resgatavam nos idosos a alegria de viver e o valor de cada um. Suas atitudes refletem suas convicções mais profundas, como expressou em seu pedido de admissão ao postulado: *“Quero ter uma felicidade celestial, transbordar de alegria, dedicar-me a ajudar o próximo, ser incansável em fazer o bem”*⁸. Algo semelhante, diziam a seu respeito as pessoas que a conheciam.

Aquilo que depois impressionou suas companheiras, sua firmeza na vocação e a doação de si mesma no serviço aos pobres, foi sólida e profundamente cultivada em sua personalidade reservada e reflexiva. Sem falar muito sobre o que sentia e desejava, Lindalva se manteve numa atitude de busca, atenta ao que o Senhor lhe dizia na oração e nas Escrituras, e disponível, como sempre, aos que mais precisavam dela.

No contato com os pobres, ela encontrou o adubo que fez a semente da vocação vicentina brotar firme em seu coração. Ainda que uma surpresa para sua família, sua decisão foi resultado de um caminho percorrido com discrição e simplicidade, seriedade e responsabilidade. Exatamente por isso, sua entrega a Deus na Companhia foi tão serena e íntegra, empenhando toda a sua riqueza humana: *“O conceito de santidade aparece em sua verdadeira riqueza como realidade vivida deliberadamente, que penetra a existência da pessoa justamente porque, com a riqueza do seu ser e com a espontaneidade de sua vontade livre, une-se a Deus, entregando-se a ele com o calor do amor”*⁹.

Filha da Caridade e Mártir

Lindalva tornou-se Filha da Caridade em 16 de julho de 1989. Ela aprofundou sua vocação, o carisma vicentino e a espiritualidade da Companhia.

Suas cartas aos familiares e às amigas davam testemunho de sua alegria de doar-se a Deus e aos pobres. Aliás, esta parece ser a sua marca registrada. *“Com o coração cheio de alegria e nostalgia, estou escrevendo para dizer-lhe como estou feliz por ter recebido a graça de ser chamada por Deus e de realizar hoje um Noviciado tão cheio de graça (...). A alegria é imensa”*¹⁰.

⁸ PASSARELLI, p. 32.

⁹ MOLINARI, p. 1032.

¹⁰ PASSARELLI, p. 39.

A breve vida da Irmã Lindalva

A clareza de sua fé, a confiança na graça de Deus e a capacidade de superar suas dificuldades levaram-na a acompanhar e aconselhar membros da família que viviam situações muito difíceis. Suas cartas expressavam sua afeição sincera, certeza da bondade do ser humano e a convicção de que a graça de Deus pode transformar a vida. Esta “pastoral epistolar” teve sucesso.

Lindalva realizou também um trabalho com os doentes de um hospital em Recife. Ali, demonstrou sua percepção da profunda humilhação sofrida pelos pobres que, além de serem do interior, viviam em situação de abandono, perdiam também suas roupas que eram jogadas em qualquer canto. Lindalva demonstrou ter iniciativa, coragem e criatividade para procurar as roupas largadas e sujas e consertá-las para devolvê-las aos donos quando saíssem do hospital.

O Envio em Missão, a 26 de janeiro de 1991, para o Abrigo Dom Pedro II, em Salvador, é a oportunidade adequada para colocar em prática o projeto de vida descrito em sua carta de admissão ao Postulado: “*Transbordar de alegria, dedicar-me a ajudar o próximo, ser incansável em fazer o bem*”¹¹. Sua alegria luminosa e sua incansável disponibilidade enchem a enfermaria dos idosos de que era responsável e a comunidade!

Na comunidade, mostrava-se desejosa de aprender, de aprofundar a sua vocação, participava de todos os momentos comunitários e, se precisasse voltar à noite à enfermaria, pedia a uma Irmã que a acompanhasse.

Junto aos idosos, sua presença era constante, marcada pela capacidade de escutar e confortar, bem como pela paciência para com os mais difíceis e frágeis. Sua Irmã Servente observou: “*ela nunca teve medo de cuidar de alguém e acima de tudo, busca o melhor para seus pacientes*”¹². Tocava violão e cantava para eles, procurava valorizar os pequenos serviços que ainda podiam fazer dentro ou fora do Abrigo e os recompensava com alguns trocados, roupas ou sapatos.

Aqueles que ainda podiam caminhar eram convidados para um passeio até o Santuário do Bonfim. Como era uma boa motorista, sempre que conduzia o Padre capelão à sua casa, levava consigo alguns idosos para terem oportunidade de sair. Observava e cuidava atentamente da higiene

¹¹ PASSARELLI, p. 32.

¹² Cf. PASSARELLI, p. 59.

pessoal dos idosos e da limpeza de suas camas e roupas. Sua preocupação não se limitava ao bem-estar físico. Estendia-se ao espiritual: rezava com os idosos, levava-os para se confessarem e participarem da Eucaristia.

Os idosos, por sua vez, reconheciam, agradecidos, seu afeto por todos e a admiravam, o que de modo algum a impedia de corrigir e chamar a atenção quando necessário. Quando ia à Missa ou a algum ofício religioso, havia sempre algum dos internos querendo acompanhá-la. Lindalva parecia ter aprendido bem uma das lições de Santa Luísa: *“Tratemos de conquistar os corações pela nossa tolerância e cordialidade”* (SL C. 116).

Irmã Lindalva também estabeleceu uma boa relação com o Serviço Social o que lhe permitia apresentar e defender as necessidades dos idosos.

Fiel às inspirações dos Fundadores, Irmã Lindalva tinha consciência da importância de ir além, de ir ao encontro daqueles que estavam mais longe. Integrou-se, então, ao grupo de Voluntárias da Caridade (AIC) da paróquia e, com elas, visitava os idosos e doentes. O contato com a realidade e a constatação da situação de abandono e indigência de muitos, fazia Lindalva exercer pressão sobre o Serviço Social para que fossem tomadas as providências cabíveis. A consciência de que era preciso exigir que o poder público cumprisse seu papel era evidente, bem como a importância de trabalhar em parceria com instituições e com os leigos em benefício dos pobres. Tudo isso estava bem de acordo com as inspirações presentes nas Constituições e Estatutos da Companhia: *“As Irmãs trabalham com outras pessoas em leal colaboração, num espírito de partilha, colocando em prática os valores que a Companhia procura viver. A cooperação com os organismos privados ou públicos permite um melhor serviço e um maior testemunho evangélico”*¹³.

Durante dois anos, Lindalva deu testemunho de sua imensa alegria por entregar sua vida ao Cristo presente nos idosos pobres a quem servia. *“A serenidade e a alegria que Irmã Lindalva encontrava em seu trabalho em favor dos outros eram tais que eram percebidas de todos os modos pelas Coirmãs e por quem estava perto. Mesmos nos momentos de maior tensão, ela era alegre e sorridente, porque tinha uma grande esperança em Deus”*¹⁴. Assim, Lindalva encarnava em sua vida o que, séculos atrás, tanto impressionara a São Vicente: *“Há pessoas que têm o santo costume de*

¹³ Estatutos das Filhas da Caridade, n. 9a.

¹⁴ PASSARELLI, p. 62.

A breve vida da Irmã Lindalva

apresentar sempre um rosto alegre e sorridente a todos os que as encontram, testemunhando, por alguma palavra de cordialidade, a satisfação que sentem ao vê-los (...). Fazer o contrário, mostrar um rosto triste e sombrio, faz gelar o coração daqueles que lhes dirigem a palavra” (SV X, 488).

Em 1993, Augusto da Silva Peixoto foi recebido no Abrigo, por influência política, já que não preenchia os requisitos necessários para ser admitido naquela instituição. De trato difícil, queria atendimento diferenciado. Mesmo sendo repreendido por Irmã Lindalva e tendo suas atitudes severamente rechaçadas, acabou nutrindo uma paixão pela Irmã e passou a assediá-la com insistência. Apesar da expressa insatisfação dos internos, continuou insinuando-se desrespeitosamente, causando, assim, grande constrangimento à Lindalva. Esta, por sua vez, confidenciou seu sofrimento a uma Irmã que lhe perguntou se havia falado com a Irmã Servente, ao que ela respondeu que tinha falado com quem era de direito. Sabe-se que chegou a falar com a Assistente Social, ainda que sem entrar em detalhes. Difícil saber se toda a Comunidade sabia o que se passava, mas, certamente, algumas o sabiam, uma vez que ela disse durante um recreio das Irmãs: *“Prefiro que meu sangue seja derramado do que ir embora”*¹⁵.

A dura repreensão por parte da Assistente Social e a reserva com que passou a ser tratado por Lindalva fizeram crescer a ira insana de Augusto, que planejou a morte da jovem Irmã. Comprou a peixeira e aguardou o momento oportuno.

Chegou o dia 9 de abril de 1993, uma Sexta-feira Santa. Após ter rezado a Via-Sacra com os fieis da paróquia, percorrendo as adjacências do Abrigo, Irmã Lindalva voltou para casa, a fim de servir o café dos idosos. Foi, então, atacada por trás por Augusto, que lhe desferiu 44 golpes. Limpando a faca em sua própria roupa, dizia: *“Nunca quis! Eis a sua recompensa...”*.

Augusto foi preso e, ao ser perguntado pelo motivo de ter matado a Irmã, confessou que estava apaixonado e a cobiçava, mas ela nunca havia correspondido. Os idosos que testemunharam o crime falaram que se ela tivesse cedido e feito o que Augusto queria não teria morrido.

Irmã Lindalva manteve-se fiel à sua vocação e, por isso, foi assassinada. *“Começou a se espalhar por toda a cidade a opinião de que aquela morte tinha sido um verdadeiro martírio. Irmã Lindalva morrerá como mártir para*

defender sua pureza (...). À opinião do martírio, que agora estava nas mentes e bocas dos internos, das freiras, dos sacerdotes e da gente comum, juntou-se uma voz investida de grande autoridade. O arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, durante a homilia da cerimônia fúnebre, disse: “Não tenho dúvidas de que Irmã Lindalva poderá ser considerada pela Igreja como uma mártir”¹⁶.

A abertura do processo aconteceu em janeiro de 2000 e, no dia 2 de dezembro de 2007, a Igreja beatificou Irmã Lindalva Justo de Oliveira, mártir, durante uma cerimônia realizada em Salvador.

Irmã Lindalva viveu sua vocação vicentina por apenas 4 anos. Contudo, segundo Santa Luísa de Marillac, o mais importante não é o tempo em que se permanece no serviço, mas a intensidade da doação a Ele: *“Permiti-me dizer-vos, querida Irmã, que precisamos pôr mãos à obra, sem pensar estardes aí apenas de passagem. Mesmo se tivéssemos de ficar num lugar apenas oito dias, deveríamos aí trabalhar como se fôssemos permanecer por toda a vida”* (SL C. 204).

Sua alegria, era traço marcante e reconhecido por aqueles que conviveram com ela, certamente, era fruto da fé simples, profunda e do amor que sentia por Deus e pelos pobres e da gratidão pela sua vocação.

Certamente, podemos aplicar à Irmã Lindalva as palavras dirigidas por Santa Luísa a uma Irmã enviada à Polônia: *“Admiro, em vós, a obra da Divina Providência, querida Irmã, que me faz crer que seu Amor quer que o ameis única e inteiramente desprendida, para não ter outra satisfação nem outro interesse senão os de Deus e do próximo.”* (SL C. 502).

A obra realizada pela Divina Providência na Irmã Lindalva só foi possível graças ao seu coração generoso e livre, desejoso de se configurar com o Cristo que aprendeu a amar com seus pais e a servir nos Pobres segundo o carisma vicentino: *“Conformar-se a Jesus Cristo significa, pois, humanizar-se, avançando, assim, no caminho da santidade, deixando-se atingir e envolver pelo dom da salvação e assumindo a graça e o compromisso de tornar-se salvador como Jesus, disposto a continuar sua missão de fazer o bem e conduzir à vida.”¹⁷.*

¹⁶ PASSARELLI, p. 80-81.

¹⁷ TEIXEIRA, Vinícius Augusto Ribeiro. *No Coração da Trindade: meditações para retiros espirituais*. Belo Horizonte: O Lutador, 2013, p.133.

A breve vida da Irmã Lindalva

Em Jesus, ela encontrou o amor pelo qual seu coração ansiava desde a sua juventude. Este amor transfigurou sua existência fazendo-a encontrar Deus em todas as suas criaturas e ser, para elas, um sinal da Providência que cuida, alegre e amorosamente, de todos, mas, especialmente, dos mais pobres e vulneráveis.

“Em todos os momentos de minhas preces, há um desejo tão grande do amor de Deus que um dia o alcançarei, mesmo que seja o último de minha vida. Como é belo amar a Deus e a sua santa Mãe! Se eu amo você, meu coração está em Deus. Posso ver Deus apenas através das pessoas com as quais estou em contato, sejam quem forem. Tudo se transforma em alegria, em amor, em contato com a vida, com a natureza; é importante ser livre para amar e compreender que somente nele vale a pena pensar no amanhã”¹⁸.

Irmã Carolina MUREB SANTOS
Filha da Caridade